



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

MACIEL VILALBA

**NARRATIVAS DE VIDA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DE
BELA VISTA-MS: PROCESSO DE FORMAÇÃO E SENTIDO DE SER PROFESSOR**

Campo Grande/MS
2019

MACIEL VILALBA

**NARRATIVAS DE VIDA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DE
BELA VISTA-MS: PROCESSO DE FORMAÇÃO E SENTIDO DE SER PROFESSOR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Leda Pinto

Campo Grande/MS
2019

V745n Vilalba, Maciel

Narrativas de vida dos professores de língua portuguesa de
Bela Vista-MS: processo de formação e sentido de ser
professor/ Maciel Vilalba. – Campo Grande, MS: UEMS,
2019.

80f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Leda Pinto.

1. Linguagem 2. Língua e literatura 3. Análise do discurso I.
Pinto, Maria Leda II. Título

CDD 23. ed. - 401.41

MACIEL VILALBA

**NARRATIVAS DE VIDA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DE
BELA VISTA-MS: PROCESSO DE FORMAÇÃO E SENTIDO DE SER PROFESSOR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof.^a Dra. Maria Leda Pinto

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Leda Pinto (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof.^a Dra. Onilda Sanches Nincao (Titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof.^a Dra. Aline Saddi Chaves (Titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof.^a Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 30 de agosto de 2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por sempre me incentivarem e me apoiarem na minha vida acadêmica.

A minha orientadora, Prof.^a Dra. Maria Leda Pinto, por sempre me atender nas horas necessárias e por me mostrar os caminhos pelos quais precisei percorrer para a constituição desta dissertação.

A minha orientadora do curso de Filosofia, Prof.^a Dra. Maíra de Souza Borba, por compartilhar comigo seus saberes sobre a elaboração de projetos acadêmicos.

A minha orientadora do curso de graduação em Letras, Prof.^a Dra. Adélia Maria Evangelista Azevedo, por me apresentar estas vertentes teóricas que são: Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD).

Ao professor Dr. Ruberval Franco Maciel, por compartilhar grandes saberes tanto na graduação em Letras quanto no período da Pós-graduação/Mestrado/UEMS.

À professora Dra. Aline Saddi Chaves, que compartilhou grandes saberes nas áreas da Análise do Discurso e Análise Dialógica do Discurso durante o período da Pós-graduação/Mestrado/UEMS.

Aos amigos, Luiz Taques, Arnaldo, Rebeca, Felícia, Nathalia, Cristina, Marcilene, Jucimary, Dion, Mirella, Maria, Jaciel, Vitória, Douglas, Daiane, Jamilly, Renata, Ramona, Jacinto e Norma, por sempre me incentivarem na minha vida acadêmica.

VILALBA, Maciel. 2019. Narrativas de vida dos professores de língua portuguesa de Bela Vista-MS: processo de formação e sentido de ser professor. f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2019.

RESUMO

Esta dissertação intitulada: *Narrativas de vida dos professores de língua portuguesa de Bela Vista-MS: processo de formação e sentido de ser professor*, tem por objetivo compreender como se revelam os processos de formação dos professores de língua portuguesa, bem como a construção do sentido de ser professor, buscados nos fios do discurso desses professores por meio de suas narrativas de vida. Para tanto, definimos os objetivos em dois tópicos: a) analisar o que revelam os discursos dos professores de língua portuguesa sobre os processos de sua formação, enquanto sujeitos que se constituem dialogicamente. b) identificar nas narrativas de vida os sentidos de ser professor vividos pelos professores de língua portuguesa em sua carreira. Para chegarmos às respostas, partimos da seguinte indagação: *o que os discursos dos professores revelam sobre os seus processos de formação e os sentidos de ser professor?* Assim, por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa, escolhemos como fundamentação teórica concepções teóricas da Análise do Discurso de Linha Francesa (doravante, AD), da Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD). Os dados da análise são reveladores de que os professores de língua portuguesa bela-vistenses quebram um ciclo de seguir a profissão dos pais e/ou de fazer o que havia de disponível. Eles revelam que seus processos de formação foram de luta e superação, devido a fatores como a situação financeira, bem como o fato de não terem condições de pagar um curso e, mesmo que tivesse condições para tanto a cidade não ofertaria nenhum curso, embora hoje exista a possibilidade de se cursar uma faculdade à distância em Bela Vista. Esta luta e superação da formação desses professores se reflete diretamente em sua profissão, ou seja, no sentido de ser professor, que por mais que talvez não fosse a graduação que desejassem no início, mas ao se graduarem e exercerem a profissão se identificaram com ela. Dessa perspectiva, esses professores são motivos de orgulho para seus familiares, pois quebraram a linha contínua de geração a geração de pessoas que têm pouco estudo e por isso têm que trabalhar no campo, que como dizem eles mesmos, é um trabalho árduo de sol a sol e tem de aguentar humilhação do patrão para sobreviver. Dessa maneira, o professor de língua portuguesa de Bela Vista venceu esta barreira e, apesar das dificuldades, conseguiu se formar.

Palavras-chave: Professores de língua portuguesa. Formação de professores. Narrativa de vida.

VILALBA, Maciel. 2019. Narratives of life of Portuguese language teachers of Bela Vista-MS: process of formation and sense of being a teacher. f. Dissertation (Master in Letters) - State University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande / MS, 2019.

ABSTRACT

This dissertation entitled: Narratives of life of Portuguese language teachers of Bela Vista-MS: process of formation and sense of being a teacher, aims to understand how the processes of formation of Portuguese language teachers are revealed, as well as the construction of meaning of being a teacher, sought in the threads of the discourse of these teachers through their life narratives. To this end, we define the objectives in two topics: a) analyze what the discourses of the teachers of Portuguese language reveal about the processes of their formation, as subjects that constitute themselves dialogically. b) identify in life narratives the senses of being a teacher lived by the Portuguese language teachers in their career. To reach the answers, we start from the following question: what do teachers' discourses reveal about their formation processes and the senses of being a teacher? Thus, by means of a qualitative research approach, we chose as theoretical foundation theoretical conceptions of French Line Discourse Analysis (hereinafter, AD), Dialogic Discourse Analysis (hereinafter, ADD). The data from the analysis reveals that the Bela-vistenses Portuguese-language teachers break a cycle of following their parents' profession and / or doing what was available. They reveal that their training processes were one of struggle and overcoming, due to factors such as the financial situation, as well as the fact that they could not afford a course and, even if it was able to do so, the city would not offer any course, although today there is the possibility of attending a distance college in Bela Vista. This struggle and overcoming the formation of these teachers is directly reflected in their profession, that is, in the sense of being a teacher, that, although it might not be the degree they wanted at the beginning, but when graduating and practicing the profession, they identified with it. . From this perspective, these teachers are a source of pride to their families, because they have broken the continuous line of generation, the generation of people who have little study and therefore have to work in the field, which as they say, is hard work from sun to sun. sun and must endure the boss's humiliation to survive. In this way, the Bela Vista Portuguese-language teacher overcame this barrier and, despite the difficulties, managed to graduate.

Keywords: Portuguese language teachers. Teacher training. Narrative of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO DE BELA VISTA – MS	14
1.1 Da localidade e da história.....	14
CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO	19
2.1 Discurso e as suas condições de produção.....	19
2.2 Ideologia.....	23
2.3 Dialogismo.....	25
2.4 Gêneros do discurso.....	31
2.5 Gênero discursivo narrativa de vida.....	33
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE VIDA – FORMAÇÃO E SENTIDO DE SER PROFESSOR	36
3.1 Os discursos acerca dos processos de formação.....	37
3.2 Os discursos acerca dos sentidos de ser professor.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	66

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por finalidade analisar como as narrativas de vida dos professores de língua portuguesa de Bela Vista-MS revelam o discurso acerca de seus processos de formação e o discurso acerca do sentido de ser professor em um contexto de uma cidade que se constitui de aproximadamente duas dezenas de milhar de população. A povoação de Bela Vista teve início poucos anos após o término da guerra com o Paraguai, em 1874, chegando a um crescimento rápido para a época, entretanto, atualmente possui uma população de cerca de 23.290 habitantes, sendo que o crescimento populacional e o econômico são gradativos. A cidade tem como fonte de recursos a agropecuária e o comércio, que são na sua maioria as possibilidades de emprego e trabalho.

Com base nisso é possível deduzir que devido à ênfase nesses dois ramos econômicos, a agropecuária e o comércio, não se abrem espaços para outras modalidades de desenvolvimento econômico, o que acarreta a limitação da escolha profissional. Sendo assim, muitos jovens acreditam que, ao concluir o ensino médio, já terminaram seus estudos, e procuram uma forma de ganhar a vida por meio de um emprego no comércio, no campo, ou mudam-se para as grandes cidades em busca de outras oportunidades profissionais.

No entanto, os professores bela-vistenses — sujeitos desta pesquisa — têm oportunidades maiores de trabalho e, conseqüentemente, de permanecerem na região, tendo em vista que diferentemente de alguém que cursa jornalismo ou engenharia, entre outros, a profissão de professor é um campo ainda promissor na cidade. Na busca pela formação superior, alguns vão para outras localidades buscar essa formação e retornam, mas também há aqueles que não abandonam a localidade, uma vez que há uma Unidade Universitária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) na cidade Jardim e outras universidades na cidade de Ponta Porã — cidades vizinhas e próximas de Bela Vista — que propiciam a formação acadêmica sem a necessidade de mudança para outras regiões.

De acordo com Costa & Gonçalves (2013), a procura por uma identidade profissional pode ser muito complexa e desgastante, pois é uma busca que demanda tempo e também inclui a apropriação da sua história pessoal, ou seja, uma pessoa, ao escolher sua profissão, traz consigo toda uma vivência; desde a infância, os lugares percorridos, as pessoas com quem conviveu e todo um trajeto de vida que se refletirá na sua profissão. Nesse contexto, a escolha pela docência não é diferente, pois, “este processo identitário passa, também, pela habilidade que apresentamos ao exercer com autonomia a nossa atividade e pela forma que a

conduzimos, uma vez que a maneira como o professor ensina está intimamente ligada àquilo que somos como pessoa”. (COSTA & GONÇALVES, 2013, p. 132).

Dessa perspectiva, podemos compreender que a formação de professores ocupa um papel relevante no contexto das práticas pedagógicas e que não pode ser pensada exclusivamente em seus aspectos técnicos e de domínio de conteúdo, mas sim a partir de uma formação humana e social. Assim, o professor é o profissional que pode atuar em qualquer região: área rural, urbana, domiciliar, cidades pequenas, grandes centros, entre outras. No entanto, mesmo com esta possibilidade aberta de colocação no mercado de trabalho o professor de Bela Vista permanece na sua localidade de origem.

Assim, optamos por analisar as histórias de vida desses professores a fim de evidenciarmos os processos constitutivos de sua formação enquanto sujeitos sociais, bem como qual é — para esses professores — os sentidos de ser professor. Dessa forma, na busca por respostas à indagação que nos motivou ao desenvolvimento desta pesquisa — *o que os discursos dos professores revelam sobre os seus processos de formação e os sentidos de ser professor?* Buscamos dar voz aos professores de modo que eles pudessem revelar os seus processos de formação, bem como a construção do sentido de ser professor para aqueles que atuam no ensino de língua portuguesa da cidade de Bela Vista por meio de suas narrativas de vida.

Ao usarmos a linguagem, por meio de um sistema de signos para produzirmos um determinado enunciado, a língua se materializa a partir de um dado lugar e tempo na história, bem como em uma dada situação (para quem enunciamos, de onde decorrem os efeitos de sentido, pretendidos e os efetivamente obtidos?). Esta ação não se materializa por si só, ou seja, acontece entre sujeitos, então, isto quer dizer que o homem se utiliza da língua/linguagem para se comunicar com o outro, e assim reciprocamente, em determinado momento social e histórico, sendo que a utilização da linguagem contribui para que esses sujeitos vivam socialmente organizados, pois conseguem entender por meio dela o papel de cada um, de acordo com o grupo social ao qual pertencem, isto é, pode ser o grupo de professores, de alunos, de pedreiros, de lavradores, entre outros.

Dessa perspectiva, a linguagem é o mecanismo de mediação entre o homem e a realidade natural e social, e essa mediação, segundo Bakhtin (1997) acontece em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos, concretos e únicos, que surgem de uma determinada esfera da atividade humana, isto é, gêneros do discurso.

Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera. Estes momentos e lugares de enunciação específicos que, Bakhtin (1997, p. 280) irá denominar

como esferas da atividade humana, por mais diversas que sejam, sempre estão relacionadas, se materializam na linguagem. Para o autor, na utilização da língua, “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. (BAKHTIN, 2003, p. 262). Esses gêneros do discurso, portanto são caracterizados pelo conteúdo temático, pela construção composicional e pelo estilo. Dialogicamente, um discurso é sempre revestido de outros discursos e todos estes discursos se constroem com base nos gêneros do discurso. Dentro da diversidade de gêneros do discurso, no caso desta pesquisa, o gênero que compõe o *corpus* é a narrativa de vida.

Em uma narrativa de vida, de acordo Carvalho (2016), o sujeito produz sua história, mas como autor e protagonista dessa história, isso porque irá se utilizar de mecanismos linguísticos que mais lhe satisfaça, ou seja, que possa enfatizar na sua narrativa conforme a maneira que julga boa e correta perante os olhos dos demais, mesmo que isso ocorra de maneira inconsciente. Segundo a autora (2016, p. 29), é no discurso que as pessoas se organizam em sociedade, mantêm laços afetivos, entre famílias e com os demais da sociedade, “ou ainda, é discursivamente que os sujeitos estabelecem diferentes modos de ser e imaginários discordantes, o que gera conflitos pessoais, diplomáticos, religiosos, entre outros tantos de diferentes tipos”. Sendo assim, a pessoa que enuncia sua história tem uma intencionalidade, e organiza seu discurso por meio de estratégias para chegar ao seu objetivo de convencimento.

Segundo Machado (2015), as finalidades do gênero discursivo narrativa de vida não se limitam a contar histórias, na medida em que este gênero possui um poder de persuasão muitas vezes mais eficaz do que as argumentações lógicas. Quem conta uma história, conta ao seu leitor, com mistérios e encantamentos.

Consideramos, assim, que as narrativas de vida, gênero que compõe o corpus desta pesquisa, desenvolvida com 07 professores da Educação Básica do município de Bela Vista-MS, podem se constituir em enunciados que nos permitam evidenciar os processos de formação desses profissionais do ensino de língua portuguesa. Dessa perspectiva, a proposta metodológica da pesquisa desenvolveu-se em algumas etapas, que envolveram em alguns momentos este pesquisador, os professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Campo Grande, Capital e o Comitê de Ética da mesma instituição, e também os gestores das escolas e os professores participantes da pesquisa.

Em primeiro lugar, estabelecemos o contato com as escolas e, com a anuência dos gestores, realizamos um levantamento nas secretarias dessas escolas sobre a quantidade de

professores de língua portuguesa que são nascidos em Bela Vista e/ou por aqueles que se mudaram enquanto criança para a cidade, crescendo e vivendo a idade adulta lá e que atuam na instituição. Para a realização dessa etapa, nos deslocamos para Bela Vista entre os dias 09 a 12 de julho de 2018, visitando as escolas municipais e estaduais da cidade e entramos em contato com os professores para convidá-los a participarem da pesquisa.

Nesse levantamento identificamos 16 (dezesesseis) professores nascidos em Bela Vista, sendo que, desse total 10 (dez) decidiram participar de maneira voluntária da pesquisa, bem como um professor(a) que se mudou ainda criança para a cidade, perfazendo um total de 11 (onze) professores entrevistados. Desses 11 (onze), analisamos 07(sete) narrativas que melhor se aproximaram dos objetivos da pesquisa. Assim, para garantir o sigilo dos sujeitos, na organização e exposição do texto de análise, optamos por identificar os professores usamos as iniciais criadas por nós mesmos, sendo que apresenta a sequência de L.A até L.G.

A coleta dos dados se deu por meio de um questionário composto por 07(sete) perguntas, organizadas e sistematizadas de modo que os professores tivessem a possibilidade de narrar aspectos de suas vidas em relação à cidade, ao ensino de língua portuguesa e, de maneira mais específica, a sua formação e o que significa ser professor. Nesse sentido, a partir da questão norteadora da pesquisa: *o que os discursos dos professores revelam sobre os seus processos de formação e os sentidos de ser professor?* Definimos como objetivo geral: compreender como se revelam os processos de formação dos professores de língua portuguesa, bem como a construção do sentido de ser professor, buscados nos fios do discurso desses professores por meio de suas narrativas de vida. Ao mesmo tempo, definimos como objetivos específicos:

a) analisar o que revelam os discursos dos professores de língua portuguesa sobre os processos de sua formação, enquanto sujeitos que se constituem dialogicamente.

b) identificar nas narrativas de vida os sentidos de ser professor vividos pelos professores de língua portuguesa em sua carreira.

Sendo assim, na estrutura textual desta pesquisa, de abordagem qualitativa, apresentamos no primeiro capítulo o contexto histórico de Bela Vista–MS, enfatizando suas principais características.

No segundo capítulo, abordamos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, em que tratamos da definição de discurso e suas condições de produção, dialogismo, ideologia e gêneros do discurso, com base na Análise do Discurso, Análise Dialógica do Discurso e nas ideias do Círculo de Bakhtin.

A análise das narrativas de vida dos professores de língua portuguesa de Bela Vista-MS compõe o terceiro capítulo desta dissertação. Nesse capítulo, procuramos evidenciar o nosso olhar em relação às narrativas, considerando os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa.

Para concluir, apresentamos as considerações finais, em que retomamos os objetivos estabelecidos em uma interrelação com os pontos principais, apresentando nossas interpretações em relação aos resultados obtidos.

As referências e os anexos compõem a parte final desta dissertação.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DE BELA VISTA – MS

Apresentamos neste capítulo uma breve contextualização dos dados históricos da cidade de Bela Vista-MS. É um município que se constitui referência histórica para o Estado de Mato Grosso do Sul quando se trata dos estudos sobre a Guerra do Paraguai, tendo em vista ser uma cidade que faz fronteira com o país vizinho e ter sido palco de algumas disputas durante o conflito. Posteriormente, outro aspecto muito importante na história do município foi a exploração da erva-mate que era nativa na região e que, por essa razão, recebeu muitos colonizadores dentre eles os gaúchos que vieram com a Companhia Matte Laranjeira¹ que formou um monopólio para a exploração da planta, na região fronteira do Estado. Esta é a cidade definida como lócus desta pesquisa.

1.1 Da localidade e da história.

A cidade de Bela Vista está situada na região Centro Oeste do Brasil, sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, com sede localizada a 268 km de Campo Grande, capital do Estado. O município tem um papel relevante historicamente em relação a aspectos que compreendem a Guerra do Paraguai (1864 - 1870), bem como a colonização da região juntamente com os atuais municípios de Caracol, Jardim e Antônio João.

De acordo com Leite (2001), Bela Vista foi reconhecida como município no dia 03 de outubro de 1908, pelo então presidente do Estado de Mato Grosso (MT), Coronel Generoso Paes Leme de Souza Ponce, que sancionou a lei nº 501 autorizando a desapropriação de 3600 hectares pertencentes a José Lemes da Silva Bugre, esta desapropriação formou a povoação do NUNCATEVI², ou distrito de Nossa Senhora de Fátima. Assim, com a demarcação da

¹ Companhia Matte Laranjeira – Originou-se de uma recompensa que o Governo Imperial deu a Thomas Laranjeira por auxiliar na guerra contra o país vizinho, Paraguai. A Companhia operava no Mato Grosso e Paraguai. Criou um porto especial para suas exportações de erva mate, que também tinha por finalidade exportar para a Argentina. Este porto foi nomeado como Porto Murinho em homenagem a Joaquim Murinho, que, já na República velha, era Ministro da Fazenda da Presidência de Campos Salles. Sendo assim, esta Companhia possuía ferrovia própria e a erva mate era puxada por aproximadamente 800 carretas, composta 20.000 bois, até a linha do trem. Por volta de 1926 a 1929, a Companhia era tão rica que emprestou dinheiro ao Estado de Mato Grosso, as exportações para a Argentina cresceram muito, passou a ter também acionistas argentinos. A Companhia Matte Laranjeira foi uma empresa colonial de exploração de território, possuindo grande poder político no então Estado de Mato Grosso (MT) e fez parte de todo o desenvolvimento da região e deixou seu legado na história nas regiões antes nunca povoada pelo Oeste brasileiro (ARAÚJO, 2014).

²Região famosa pelo histórico de violência, principalmente por assassinatos cometidos pelo uso de facas. Ibanhes (2010), em seu livro: *Chão do Apa: contos e memórias da fronteira*, irá comentar a história muito

fronteira, a fazenda desapropriada foi aos poucos sendo ocupada, semelhante às ocupações realizadas atualmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que levantaram suas barracas e suas plantações. Essas ações foram regulamentadas pelo governo, e, conforme afirma Leite (2001, p. 02), “com essa medida o Governo do Estado possibilitou a legalização dessas posses, loteando a gleba de terras, criando pequenas chácaras, que foram tituladas pela prefeitura municipal”. É a partir desse loteamento que, aos poucos, as pessoas foram instalando moradias e formando a cidade de Bela Vista. Na citação a seguir, o autor deixa mais claro como a cidade começou a ser povoada:

O sul do Estado, muito especialmente a região de Bela Vista, ao término da Guerra do Paraguai e após a demarcação da fronteira com a vizinha república do Paraguai, no ano de 1874, começou a receber uma imensa corrente humana que migrava em busca de novas oportunidades de vida, face a vasta propaganda de terras baratas e férteis ao dispor de qualquer cidadão. Eram montadas posses e erguidas fazendas de criação de gado e lavoura de subsistência. (LEITE, 2001, p. 06).

Leite (2001) ainda esclarece que a primeira investida para ocupação da localidade foi realizada pelos espanhóis em 1801, por meio da criação de um forte chamado de Forte São José, sob o comando do capitão Juan Caballero, com a formação de 109 soldados. Todavia, no ano seguinte, forças brasileiras vindas de Miranda, sob o comando do tenente Francisco Rodrigues Prado e reforçadas pelos índios Guaicurus, dizimaram o Forte, aprisionando os sobreviventes e, nesta investida, o capitão Juan Caballero foi morto. Sendo assim:

Na realidade a povoação de Bela Vista teve início poucos anos após o término da Guerra do Paraguai, tanto assim que, já no ano de 1886, foi fundada uma Loja Maçônica sob orientação de militares, possivelmente o comandante do Posto Militar [...] A povoação de Bela Vista teve um crescimento rápido para a época, e no ano de 1900, é elevada à categoria de distrito. Por lei de 3 de outubro de 1908 é elevada à categoria de município. A 20 de julho de 1910, por lei Estadual, é criada a Comarca de Bela Vista. A 16 de julho de 1918 é declarada como cidade. (LEITE, 2001, p. 12).

Na atualidade, conforme os estudos de Carvalho & Bueno (2013, p. 130), a cidade de Bela Vista — conhecida como a Princesa do Apa — possui uma população de 23.290 habitantes e suas fontes de renda são a agropecuária, que representa 80% da economia, bem como o comércio e as repartições públicas, que compreendem os 20% restantes. Também segundo esses autores, “a cidade faz divisa com a cidade de Miranda ao norte, ao sul com o território paraguaio pelos rios Estrela e o Apa, a leste com o município de Ponta Porã, a oeste com os municípios de Porto Murtinho e Miranda, pelos rios Perdido e Prata”. De acordo com

conhecida como “O Mata-Sete”, em que em uma noite de bebedeira e jogos um homem matou sete pessoas com uma faca inclusive o delegado da cidade.

Carvalho & Bueno (2013) este crescimento rápido da população bela-vistense com fim da guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870), se deu com a vinda de pessoas de outras regiões brasileiras, de outros países e pelo crescimento da Companhia Matte Laranjeira.

Ainda segundo Carvalho & Bueno (2013, p. 130), o povoamento da região contribuiu de maneira significativa para a diversidade sociolinguística e cultural da região, uma vez que a cidade de Bela Vista é composta por imigrantes europeus, japoneses, negros e ex-combatentes do pós-guerra, bem como por paraguaios, índios Guaicuru e por imigrantes vindos do sul do Brasil, atraídos pelas terras férteis e de baixo valor, e pelo comércio da erva-mate contribuindo para uma mistura de povos e um enriquecimento cultural.

Deste modo, os autores afirmam que, devido a essa formação, a comunidade bela-vistense é constituída por uma grande miscigenação, que se manifesta na linguagem: “por exemplo, o vocábulo “guri” usado corriqueiramente pelos habitantes e a expressão exclamativa “Bah”, típicas da região Sul do Brasil”.

[...] enquanto além da fronteira se mantém o espanhol e o guarani, com fidelidade, do lado de cá, a herança linguística dos paraguaios foi sendo fortemente incorporada pelos brasileiros. O verbo *sampar* (do espanhol *zampar*), cujo sentido é arremessar, atirar com força, é de uso corrente na fronteira de Bela Vista: o bela-vistense *sampa* uma pedra ou um tapa. Nessa cidade não existe *tempestades*, mas *tormentas* e a sala de jantar é o *comedor*. É comum se ouvir expressões do tipo, a cobra *picou* pra ele, significando que a cobra o *picou*. E as expressões e gírias do dia a dia são ditas sempre em guarani, como *carái* (no lugar de “seu” fulano) e *cunhãporã* (no lugar de moça bonita), por exemplo. (SOUZA, 2009, p.126-127 *Apud* CARVALHO & BUENO, 2013, p. 131).

Assim, o uso do bilinguístico ou até trilinguístico (português, espanhol e guarani) presentes nos discursos do povo bela-vistense é tão comum que se torna quase imperceptível por parte dos usuários. Curioso é que, em conversas cotidianas com mais de duas pessoas, e sabendo que uma não entende o guarani, ou vice-versa, é comum os interlocutores lançarem algumas palavras em outro idioma, deixando o terceiro desconcertado, de maneira cômica, assim não se sabe de que estão falando. Dessa maneira, também podemos usar como exemplos: quando as pessoas bebem e já se sentem ébrias, dizem uma para outra “Estou ca’ú”, quer dizer, estou me sentido bêbedo. E ainda, a frase “Vamos tomar um cambý”, quer dizer, vamos tomar um leite. Carvalho & Bueno (2013) afirmam que o contato entre os brasileiros com as pessoas do país vizinho, Paraguai, criou uma identificação própria, para isso usam o termo “brasiguai”, pelo fato de essas pessoas morarem na fronteira, convivendo diariamente com as duas culturas, transitando nos dois países.

Em relação à educação no município, Leite (2001) salienta que o ensino surgiu por

intermédio de professores particulares, muito desses eram os próprios membros da família, como pais, tios, avós, etc. O autor afirma que muitos registros das escolas se perderam com o tempo, pois no município nada ficou registrado e, quanto às escolas estaduais, os registros eram enviados para Cuiabá, mas lá também muitos se perderam. No entanto, este autor considera que, em 1900, poderia ter sido criada uma escola estadual em Bela Vista, uma vez que Ponta Porã, cidade próxima, que foi elevada à categoria de vila nesse mesmo período, teve sua primeira escola estadual criada pela lei nº 294, de 11 de abril de 1901.

No ano de 1904, conforme explica Leite (2001), um grupo de residentes na cidade resolveu criar a Associação dos Fundadores da Escola de Bela Vista, inaugurada em 1905. Sendo assim, posteriormente foram criadas outras escolas municipais, estaduais e particulares:

- a) Entre os anos de 1913 e 1914, o Dr. Teixeira Campos e os irmãos José de Carvalho Toledo e Severino de Carvalho Toledo criaram o instituto Rio Branco, que funcionava a Rua Coronel Camisão, onde hoje está localizada a residência de dona Henriqueta Bazano Pedra;
- b) Escola Estadual em Nuncatevi, sendo professor José Madureira, criada em 1915;
- c) A escola de Caracol, da qual era professor João Antônio de Pádua, criada em 1915;
- d) Diversas escolas rurais, inclusive a de Três Barras;
- e) No começo de 1930, surgiram duas escolas particulares que tiveram muita influência na cidade: uma mantida pela Igreja Batista e outra pela Igreja Católica, esta denominada Santo Afonso;
- f) Em 1938, surge a primeira grande escola estadual, a Escola Reunida coronel Generoso Ponce, que nos dias atuais, está localizada a Rua Conde de Porte Alegre, com o nome ligeiramente modificado. Retroagindo no tempo, recordo que;
- g) Em 1940, o professor Leogevildo Antunes Gurjão da Silva cria a Escola Antônio João;
- h) Mas o anseio maior foi atingido em 1949, a criação do Ginásio de Bela Vista, depois encampado, passando a chamar-se Ginásio Estadual de Bela Vista, que hoje é a Escola Castelo Branco;
- i) Na década de 1960 surgiram o Ginásio Comercial Santo Afonso, a Escola Normal e Colégio de contabilidade do município, hoje extintos ou absorvidos por outras instituições escolares;
- j) De 1970 a época atual, surgiram as demais escolas localizadas na cidade. (LEITE, 2001, p. 90).

Em sua pesquisa sobre a história de Bela Vista, Leite (2001), encontra no Livro de Atas na Câmara Municipal um Projeto de Resolução de autoria do vereador Antônio Ferreira de Almeida, da sessão de 31 de dezembro de 1923, em que foi discutida e aprovada a seguinte lei: “Os professores municipais, de qualquer dos sexos, que tiver exercido o magistério no município, durante oito anos, ainda mesmo sem concurso, serão considerados vitalícios, não podendo ser privados definitivamente de suas cadeiras senão a seu pedido [...]” (LEITE, 2001, p. 215). Este projeto foi de grande avanço para a época, uma vez que os professores tinham

poucos incentivos.

Assim, se constituiu a história da educação de Bela Vista, uma educação inicialmente ensinada por aqueles membros de família que tinham um pouco mais de instrução e por isso ensinavam seus filhos, sobrinhos entre outros, uma vez que, como referido anteriormente, na época da recém-formada cidade, não havia escolas. Também em relação a essa situação, muitas crianças da época cresceram sem instrução nenhuma, pois não eram todas as que tinham o privilégio de ter alguém para lhes ensinar. Da mesma forma, quando as primeiras escolas foram sendo criadas, ocorreu de serem constituídas de um corpo de professores que eram leigos ou eram de outra área que não da educação, mas que, devido à falta de profissionais habilitados, acabavam assumindo a docência.

As pessoas da época não compreendiam o valor cultural da educação para suas vidas, possivelmente pela vida simples que levavam ou por falta de oportunidades, entre outras questões. Meu pai, que é da década de 1960, relata que meu avô, que teve 24 filhos, levava-os à escola e assim que aprendiam a assinar o nome, já os tirava, por julgar que era suficiente, direcionando-os para o trabalho na roça. Agiu dessa forma com todos os filhos, pois como não havia leis que cobrassem a permanência das crianças nas escolas, então, eram mantidas ou não na escola, por critérios dos pais.

Mesmo com o passar dos anos, a dificuldade para estudar ainda é muito grande, principalmente para quem é da área rural, dos assentamentos, pois estudam em sedes velhas das fazendas, que foram transformadas em escolas, mas não tiveram investimentos e adequação necessária para o ensino, ou seja, são prédios antigos, pouco arejados e pouco ventilados para o bem estar dos estudantes e dos professores. Além disso, o Ensino Médio só é oferecido na cidade, ou seja, esses estudantes levantam-se cedo, entre três e quatro horas da manhã, para pegar o transporte escolar que, muitas vezes, não é dos melhores e, com frequência, fica pelo meio do caminho por problemas mecânicos. Foi assim que a educação foi construída e as origens desse processo estão, ainda hoje, arraigadas nas mentalidades dos jovens que, muitas vezes, acreditam que, terminando o Ensino Médio, já terminaram os estudos, tornando-se até compatível com a fala do meu avô, de que, sabendo assinar o nome, o jovem já está preparado para seguir a vida.

A partir da compreensão do contexto histórico de Bela Vista, da sua diversidade linguística e cultural, apresentamos, a seguir, a fundamentação teórica que é base para que possamos interpretar como são constituídos os discursos dos professores atuantes na cidade.

CAPITULO II

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Neste capítulo, apresentamos os principais conceitos teóricos que elegemos para fundamentar esta pesquisa. Assim, amparamo-nos na Análise do Discurso de Linha Francesa e na Análise Dialógica do Discurso para analisar o que fazem os sujeitos ao usarem a língua e, no caso desta pesquisa, o que se evidencia nas histórias de vida dos professores de língua portuguesa de Bela Vista-MS. Para tanto, elencamos os conceitos teóricos de discurso e condições de produção, ideologia, dialogismo e gêneros discursivos, este último no desdobramento do gênero narrativa de vida. Não abordamos o conceito de sujeito em separado, tendo em vista que é uma noção fundante para a AD, ADD, estando, portanto, implicado na constituição dos demais conceitos que fundamentam esse trabalho.

Alguns dos autores que fundamentam esse diálogo são Fiorin (2007, 2008 e 2016), Orlandi (2005), Cardoso (1999), Maingueneau (1997, 2001), Bakhtin (1997, 2003, 2006), Volochinov (2006), Ponzio (2013) e Faraco (2006) entre outros. Para o gênero narrativa de vida, acrescentamos Machado (2015, 2016), Machado & Melo (2016) e Carvalho (2016).

2.1 Discurso e as suas condições de produção

Com base na vertente teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa (doravante, AD), da Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD), analisamos os discursos em relação ao processo de formação e os discursos em relação ao sentido de ser professor na cidade de Bela Vista-MS. E para que possamos entender como estes discursos fazem sentido, apresentamos os conceitos de discurso e condições de produção do discurso, pela ótica dos pesquisadores desta área de conhecimento da linguagem.

Ao usarmos a linguagem, por meio de um sistema de signos (a língua), para produzir um determinado enunciado, ela se materializa a partir de um certo lugar e tempo na história, bem como em uma dada situação (para quem enunciamos, de onde decorrem os efeitos de sentido, pretendidos e os efetivamente obtidos?). Esta ação não se materializa por si só, ou seja, acontece entre sujeitos, então, isto quer dizer que o homem se utiliza da língua/linguagem para se comunicar com o outro, e assim reciprocamente, em determinado

momento social e histórico, sendo que a utilização da linguagem contribui para que esses sujeitos vivam socialmente organizados, pois conseguem entender por meio dela o papel de cada um, de acordo com o grupo social ao qual pertencem, isto é, pode ser o grupo de professores, de alunos, de pedreiros, de lavradores etc.

Dessa perspectiva, a linguagem é o mecanismo de mediação entre o homem e a realidade natural e social. Este uso da linguagem, que é o discurso, faz com que o homem transforme a realidade onde vive. Segundo Orlandi (2005, p. 21), “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”.

Para Fernandes (2007), o discurso não é nem a língua — condição de possibilidade do discurso — nem o texto, manifestação verbal do discurso. No entanto, se utiliza destes para sua existência material, isto porque o discurso se exterioriza, vai além da língua, e, atinge o aspecto social da linguagem, que envolve os sujeitos e a história.

Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contrastes revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. (FERNANDES, 2007, p. 18).

Com base na citação, um professor, ao fazer um pronunciamento de boas-vindas aos seus alunos, traz consigo um posicionamento socioideológico, de alguém que está incumbido de ensinar, de orientar, que irá liderar uma turma. Ou um discurso político, que sempre se dirige ao eleitor, com o intuito de convencer e persuadir, e também sempre em embate com o partido opositor.

O discurso, para Fernandes (2007, p. 20), não é fixo, isto é, está sempre em movimento, sofre transformações históricas, políticas e sociais. Sendo assim, se a ideologia se manifesta no discurso e este precisa da língua(gem) para sua concretização, para que haja sentido, é preciso levar em consideração um lugar determinado na sociedade e na história, ou seja, o discurso está envolto em determinadas condições de produção.

As condições de produção do discurso, de acordo com Orlandi (2005, p. 30), são os “sujeitos e a situação”. Além disso, o discurso constituído em um momento social requer um outro elemento, a saber, a memória dos discursos: o já dito. Por isso, o discurso acontece por meio da circunstância da enunciação, que é o contexto imediato, que pode ser um encontro de

dois amigos na rua, ou uma reunião de professores, de acionistas, etc., e também está vinculado a um contexto mais amplo onde está incluído o social e o histórico, ideológico.

É constituído nas condições de produção dos discursos um espaço-tempo, sendo que tudo o que vivemos ou foi vivido na sociedade em certo momento é lembrado e atualizado em um novo discurso, ora, uma vez esquecido, é resgatado em parte pela consciência ou fica armazenado no inconsciente, em que frequentemente, falamos uma coisa, um discurso, e pensamos que foi criado naquele momento, por nós, no entanto, já é um discurso construído anteriormente. Isto é, estamos falando da memória discursiva que:

[...] tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada a palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2005, p. 31).

O que é dito em outro lugar pode significar o novo quando nos apoderamos deste dizer. Orlandi (2005) comenta que o sujeito pensa saber o que diz, todavia não controla como os sentidos significam nele. Há um já dito que serve de alicerce para os novos dizeres e isto é importante para a compreensão do discurso e a relação do sujeito com a ideologia, uma vez que o discurso é constituído em sentido imediato, mas também em sentido amplo que envolve o histórico e o social. É este discurso já dito e retomado em outra situação comunicativa que a autora Orlandi (2005) vai denominar como interdiscurso, ou seja:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso; é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o anonimato, possa fazer sentido em minhas palavras. (ORLANDI, 2005, p. 33 - 34).

É este caminho que a Análise do Discurso percorre, ou seja, na procura de desvelar o não-dito por meio do que foi dito, de ir além do que o sujeito pensa saber sobre seu dizer.

Nesta mesma linha de pensamento, Cardoso (1999, p. 39) afirma que os sujeitos do discurso e seus interlocutores não devem ser considerados apenas como seres empíricos, mas como representantes dos lugares em que estão situados na sociedade, como exemplo: o lugar que um pai ocupa na família em relação à mãe, o lugar de um médico em relação ao paciente, a do professor em relação aos alunos e aos pais dos alunos. O lugar do ministro da defesa em relação à segurança — tem um cargo que inspira uma tomada de decisão em relação à

segurança, e todos esperam dele que aja como tal, sempre com alternativas e soluções para a melhoria da segurança. O mesmo ocorre com o professor, que é visto como uma pessoa de grande saber, que tem conhecimento para ensinar e educar, então, se agisse de maneira diferente, não seria bem visto perante a sociedade.

Os lugares que os sujeitos ocupam na sociedade, segundo Cardoso (1999, p. 39), compreendem as “formações imaginárias”; são os lugares, imagens, que os sujeitos atribuem a si mesmos, aos outros, bem como a imagem construída do seu próprio lugar e do lugar do outro e do referente, no caso, do que será dito. Cardoso (1999), embasada nos estudos de Pêcheux (1969), mostra como se materializam as posições dos sujeitos em uma interação, considerando-se A e B como interlocutores do discurso:

- IA (A): a imagem que A tem de si mesmo. A questão: “Quem sou eu para que eu lhe fale assim?”
- IA(B): a imagem que o locutor A tem do seu interlocutor B. A questão: “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
- IB(B): a imagem que B tem de si mesmo. A questão: “Quem sou eu para que ele me fale assim?”
- IB(A): a imagem que B tem de A. A questão: “Quem é ele para que ele me fale assim?”
- IA(R): a imagem que A tem do referente, ou daquilo de que se fala. A questão: “De que eu lhe falo?”
- IB(R): a imagem que B tem do referente. A questão: “De que ele me fala?”
- A(B(A)): a imagem que A tem da imagem que B tem de A. Questão: “Quem ele acha que eu sou para que eu lhe fale assim?”
- B(A(B)): a imagem que B tem da imagem que A tem de B. Questão: “Quem ele acha que eu sou para que ele me fale assim?”
- A(B(B)): a imagem que A tem da imagem que B tem de B. Questão: “Quem ele acha que ele é para que eu lhe fale assim?”
- B(A(A)): a imagem que B tem da imagem que A tem de A. Questão: “Quem ele acha que é para que ele me fale assim?”
- A(B(R)): a imagem que A tem da imagem que B tem do referente. Questão: “O que ele acha disso para que eu lhe fale assim?”
- B(A(R)): a imagem que B tem da imagem que A tem do referente. Questão: “O que ele acha disso para que ele me fale assim?”
- A(B(A(R))) : imagem que A tem da imagem que B tem da imagem que A tem do referente. Questão: “o que ele pensa que eu acho sobre isso para que eu lhe fale assim?”
- B(A(B(R))) : a imagem que B tem da imagem que A tem da imagem que B tem do referente. Questão: “O que ele pensa que eu acho sobre isso para que ele me fale assim?”. (CARDOSO, 1999, p. 40).

As condições de produção de um discurso, conforme Cardoso (1999), são uns dos elementos da constituição do discurso, mas não se limitam a isso, pois também é possível identificar todo um sistema de restrições que determina os objetos, os temas, e também as relações entre os discursos. Então, para a constituição do discurso, Mussalim (2004, p. 137) afirma que há um jogo de imagens que se estabelece por meio das condições produção, isto é, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa, e, das representações

que faz ao enunciar. No entanto, esse jogo não é preestabelecido antes que o sujeito enuncie o discurso, mas sim na medida em que vai se constituindo o discurso, sendo esse o lugar social e histórico em que a ideologia é manifestada na língua, sendo assim, iremos entender um pouco mais sobre este conceito.

2.2 Ideologia

Conforme foi explicado anteriormente, “o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores”, em que os sujeitos se apoderam da língua(gem) e a reproduzem usando mecanismos como: a memória, no caso, dizer o que já foi dito, mas agora com uma nova roupagem, uma nova significação, e, em outra situação, ou seja, as condições de produção discursiva. É nessas situações discursivas que a ideologia aparece, pois ela “[...] é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”. (ORLANDI, 2005, p. 46). A ideologia, para Orlandi (2005), é o produto da relação do sujeito com a língua e com a história, a fim de que haja sentido.

Fiorin (2007, p. 29) enriquece a definição de ideologia ao dizer que todo conhecimento tem certo comprometimento com os interesses sociais, ou seja, a ideologia pode até certo ponto ser uma visão de mundo que um grupo social tem da realidade, a forma como uma classe justifica e explica a ordem social. Assim, para o autor, a ideologia é produzida por meio da realidade e é o fator responsável pela construção dessa realidade. Então, Fiorin (2007, p. 32) vai dizer que uma formação ideológica é compreendida pela Análise do Discurso como uma visão de mundo, uma percepção da realidade que uma classe, um grupo de pessoas tem do mundo, isto é, um conjunto de ideias materializadas no enunciado discursivo, por meio do lugar em que está inserido o sujeito na sociedade, em que irá revelar a compreensão que tem sobre o mundo, lembrando que toda essa compreensão do mundo se dá por meio da linguagem, seja ela verbal ou não, sendo assim:

A cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. (FIORIN, 2007, p. 32).

A ideologia manifesta no discurso a percepção de mundo de um grupo por meio da linguagem. Mussalim (2004, p. 125) salienta que uma formação ideológica é o “confronto de forças em um dado momento histórico”, traz uma definição muito relevante, pois mostra que o pensar é direcionado — por mais que se tenha autonomia — pelo lugar que o sujeito ocupa na sociedade. Desse modo, uma formação ideológica pode confrontar-se ou pode manter entre si em relações de aliança, antagonismo e/ou de dominação.

Desta maneira, assim como está presente nos objetos, a ideologia está presente na realidade natural e social, porque só significa quando relacionada a uma sociedade. Bakhtin (2006, p. 29) afirma que um produto ideológico faz parte de uma realidade como todo corpo físico, perceptível, tal como um instrumento de produção ou um produto de consumo. Todavia um produto ideológico reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior:

Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. (BAKHTIN, 2006, p. 29).

Nesta citação, é possível entender que o ideológico vai além de um objeto físico, como, por exemplo, a cor vermelha em um pedaço de pano não significa nada além de um simples objeto, mas, ao ser usado pelo grupo do MST, se torna um todo significativo. Ou seja, representa a luta pela terra por pessoas que são desempregadas do campo, em que, com o avanço da tecnologia, perderam seus espaços e também na cidade não há lugar para elas. Sendo que a única opção que lhes caberia é viver de seus próprios sustentos por meio de uma pequena propriedade.

No produto ideológico, o signo tem um papel relevante porque ultrapassa uma realidade para significar outra, por isso Bakhtin (2006, p. 30) afirma que “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”.

Ponzio (2013, p. 174), ao fazer um estudo sobre Bakhtin e seu círculo, exemplifica como o filósofo russo entende a definição de signo, ou seja, o signo é um objeto material, perceptível por meio dos sentidos, que, ao ser empregado em uma sociedade para fins de comunicação ganha outra significação. Segundo Ponzio (2013), “Para que exista um signo é necessário um objeto físico ou fenômeno físico”. O signo reorganiza a realidade por meio de um ponto de vista e a partir de um contexto situacional.

Tudo o que faz parte da realidade material pode tornar-se signo, e adquire tal valor somente na dimensão histórico-social (isso vale também para os chamados signos naturais). Tanto os objetos que são naturais, quanto os que são instrumentos de produção, quanto os que são artefatos e bens de consumo podem ser convertidos em signos, e adquirir, assim, ao lado das suas funções e dos seus usos não sógnicos, também uma função e um uso sógnicos. Enquanto um objeto não sógnico é, por assim dizer, igual a si mesmo, não remete a outro, mas coincide inteiramente com a sua natureza particular, um corpo sógnico adquire um significado “que vai além da sua particularidade”. (VOLOCHÍNOV, 1929, p. 59 *apud* PONZIO, 2013, p. 175).

Os signos, de acordo com Bakhtin (2006), aparecem e se constituem além do individual, isto é, no social, uma vez que não é suficiente colocar indivíduos frente a frente para que os signos se constituam, mas sim que estejam socialmente organizados: “Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis”. (BAKHTIN, 2006, p. 34).

Faraco (2006), outro estudioso de Bakhtin, pontua que, no signo ideológico, o uso do termo refratar quer dizer que a utilização dos signos não é apenas descrever o mundo, mas também construir o mundo, da multiplicidade e heterogeneidade das experiências concretas feita pelo homem, ou seja, diversas interpretações desse mundo: “A refração é o modo como se inscreve nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos”. (FARACO, 2006, p. 50). Desta maneira, estas diversas interpretações, os diversos discursos que formam um discurso, é que constitui o dialogismo. Com base nisso passaremos a entender a seguir como este conceito é formado e também sua importância para a teoria do discurso da ADD.

2.3 Dialogismo

Ao pensarmos no interdiscurso, trabalhado por Pêcheux e interpretado por Orlandi (2005), veremos que este conceito explica a retomada de algo já dito e esquecido, materializado por meio da linguagem antes, em algum lugar. Na medida em que o sujeito se apropria de um discurso (uma palavra, um gênero discursivo ou outro) como se fosse seu, em outro momento e lugar específico, podemos dizer, então, que o interdiscurso é espelhado no dialogismo bakhtiniano e, ainda mais, que ambos contribuem para fortalecer a AD e a ADD, cujo objeto é o discurso.

Destarte, Ponzio (2013) afirma que cada palavra enunciada possui uma formação dialógica, pois é revestida pela palavra do outro, pois é sempre uma réplica de um diálogo explícito ou não, sendo que, por isso, não pertence a uma consciência ou uma voz apenas. Na mesma direção, Fiorin (2016, p. 21), ao fazer um estudo sobre o pensamento de Bakhtin,

comenta que este, ao pensar a língua sempre em uso, concreta, ou seja, viva entre os indivíduos no processo de interação, é dialógica. Segundo Fiorin, a definição de dialógico não se refere necessariamente a um diálogo em face a face, por mais que também se materialize neste, mas transcende o simples diálogo, porque há uma dialogização interna na palavra que é perpassada por outras palavras, sendo construída e reconstruída por intermédio de uma palavra já construída bem antes. Para o autor “isso quer dizer que o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio” (FIORIN, 2016, p. 22).

Outra questão levantada por Fiorin (2016, p. 22) é que só conhecemos a realidade por meio da linguagem, uma vez que um objeto externo, ou algo interno, como os sentimentos que também estão voltados para o externo, é perpassado por vários discursos de aprovação, reprovação, acreditado, desacreditado, julgado, condenado, absorvido, isto é, toda caracterização está revestida por vários outros discursos, como exemplo: quando pronunciamos a palavra “o político”, de início estamos caracterizando um homem público, alguém que é escolhido pelo povo para que o represente. Todavia, em um contexto atual onde há inúmeros casos de corrupção envolvendo políticos, se alguém nos dissesse: “ele fala tão bem, parece político!”, esta frase soaria como uma ironia, ou seja, indicaria que a pessoa tem um bom discurso, fala, persuade, mas não cumpre nada do que diz, é um mentiroso. Assim, “por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras”. (FIORIN, 2016, p. 22).

Quando falamos em dialogismo, pensamos à primeira vista que as palavras são dialógicas, no entanto Fiorin (2016, p. 23) vai dizer que os enunciados³ é que são dialógicos, uma vez que as unidades da língua são os sons, as palavras, as frases, que podem ser repetíveis. Já os enunciados ganham outras significações porque são dialógicos, porque são unidades reais da língua.

³ Cardoso (1999) faz uma distinção entre enunciado e enunciação, e acreditamos que o esclarecimento desta distinção vem a somar com o entendimento do dialogismo e também para o item precedente que tratou sobre o discurso e suas condições de produção. Sendo assim, “O enunciado é um acontecimento único, mas aberto à repetição, à transformação, à reativação. Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Está ligado não apenas a situações que o provocam e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. É institucional”. “A enunciação, por sua vez, é o singular, o irrepitível, o acontecimento (tem data, lugar determinado). Assim, cada vez que nosso enunciado-exemplo, ‘A mulher é um ser inferior’, é repetido (pelo mesmo indivíduo ou por indivíduos diferentes), trata-se de uma nova enunciação”. (CARDOSO, 1999, p. 36 – 38)

[...] o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta de outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera da comunicação sobre um dado problema. (FIORIN, 2016, p. 24 – 25).

Quanto aos conceitos de unidades da língua e enunciado, Fiorin (2016, p. 25) comenta que aquelas não pertencem a ninguém, logo, não tem autor. Por exemplo, o conceito de água, fogo, saúde etc., são unidades da língua e estão disponíveis para todos usarem, ou seja, ninguém vai dizer “esta palavra é minha” e ainda mais, quando se fala em água, infere-se primeiramente, que se trata de um líquido transparente, fogo é uma chama que queima, saúde é o contrário de doença. Todavia, quando alguém se apodera de uma palavra como as mencionadas, em um dado contexto, elas deixam de serem unidades da língua e passa ser enunciados. Como se usassem as palavras da seguinte maneira: *Está calor, preciso de água! Faz dias que não chove a plantação precisa de água! Ou, Está tudo seco, perigoso fogo! Vou fumar, você tem fogo? Ou ainda, Ela está com a saúde muito debilitada! Neste governo a saúde é prioridade!*

As unidades da língua, de acordo com Fiorin (2016), são completas, mas não têm acabamento que possibilite uma resposta. Ninguém poderá responder à palavra *vitória*, embora seu significado seja estável, se não estiver situada em um contexto. O enunciado, no entanto, pelo fato de possibilitar uma réplica, possui um acabamento específico, isto é, admite uma resposta. Por exemplo, uma pessoa chama a outra, *Vitória!* Ou em uma partida de futebol: *Vitóriaaaa! Nosso time ganhou!* “As unidades da língua não são dirigidas a ninguém, enquanto os enunciados têm um destinatário”. (FIORIN, 2016, p. 16).

Desta maneira, ao se aprofundar nos estudos bakhtinianos sobre o dialogismo, Fiorin (2016, p. 27) salienta que todo enunciado surge a partir de outro enunciado, sendo que é uma réplica a um, ou, a outros enunciados. É por isso que em um enunciado ouvimos sempre mais de uma voz; mesmo que não estejam explícitas, estão ali, juntos, significando e dando significado. Isso ocorre porque são heterogêneos, revelam posições, a sua e aquele em posição a que se constrói. O referido autor usa como exemplo: “quando se afirma Negros e Brancos têm a mesma capacidade intelectual, esse enunciado só faz sentido porque se constitui em contraposição a um enunciado racista, que preconiza a superioridade intelectual dos brancos em relação a outras raças”. (FIORIN, 2016, p. 28).

Pelo fato de a sociedade ser dividida em grupos sociais, onde os interesses divergem, nos enunciados isso não é diferente, isto é, para o autor, são sempre constituídos no espaço de luta entre as vozes sociais; conseqüentemente, a língua/linguagem é um lugar da contradição. Essas vozes presentes na fala dos sujeitos, segundo Fiorin (2016), dizem respeito ao dialogismo constitutivo, ou seja, os enunciados são constituídos anteriormente à tomada de fala, e também proporcionam enunciados posteriores. Ou seja, a comunicação verbal funciona como um jogo de réplicas, de uma resposta que ainda não existe, então:

Além do dialogismo constitutivo que não se mostra no fio do discurso, há outro que se mostra. Trata-se da incorporação pelo enunciador da(s) voz(es) de outro(s) no enunciado. Nesse caso, o dialogismo é uma forma composicional. São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso. (FIORIN, 2016, p. 37).

Desta maneira, constantemente usamos o discurso já falado anteriormente para enfatizar algo que nos acontece no momento, como neste enunciado: “*Minha internet está igual ao Neymar: só cai*”. Embora seja uma crítica ao jogador da seleção brasileira, é um discurso já dito e percebido que foi dito, todavia é usado em outro contexto para enfatizar um problema local de internet. Isto é, neste discurso, há outro discurso que se junta ao meu discurso para significar, o que leva à compreensão de que o discurso é heterogêneo.

Pensar na heterogeneidade, conforme o dizer de Maingueneau (1997), não é pensar que existem muitas coisas em interligação a outra, e por isso se torna pobre; pelo contrário; um discurso heterogêneo é riquíssimo em vozes que o povoam. Assim, ao mostrar a presença do externo, do social, meu discurso reforça e torna-se verdade, uma vez que faz parte de uma realidade minha e de meu interlocutor. Cardoso (1999) afirma que:

O discurso relatado (direto, indireto, indireto livre), as aspas, os itálicos, as citações, as alusões, a ironia, o pastiche, o estereótipo, a pressuposição, as palavras argumentativas etc. são fenômenos que estão ligados à heterogeneidade argumentativa do discurso, produzida pela dispersão do sujeito e que é trabalhada pelo locutor de forma a fazer com que o texto adquira uma unidade e uma coerência. Para conseguir essa unidade, o locutor, na forma de um concerto polifônico, tanto harmoniza as diferentes vozes como apaga as discordantes. (CARDOSO, 1999, p. 65).

Essas heterogeneidades argumentativas do discurso, segundo Cardoso (1999), têm várias finalidades, umas delas é livrar o locutor das sanções que seu enunciado pode acarretar, por isso alguns enunciados subentendem-se conforme o exemplo: “Eu estou falando, mas não fui eu que disse”, ou seja, o locutor se exime da responsabilidade do seu dizer. Ou que um enunciado é visto como uma verdade, inquestionável, ou seja, porque eu estou dizendo e

afirmando uma coisa, mas também outros já disseram e afirmaram também, e isto prova que é verdade o que eu digo. A teoria explica que o uso das aspas é um exemplo claro disso, pois tem um caráter imprevisível e uma forte relação com o implícito: “uma de suas funções mais sutis é servir para simular que é legítimo manter um termo à distância”. (CARDOSO, 1999, p. 66). Assim, os discursos são repletos de outras vozes, são formados pela heterogeneidade mostrada, e a constitutiva.

Authier (1990) denomina de heterogeneidade mostrada aquela que deixa marcas linguísticas do outro no discurso, sendo essas marcas de diversas ordens: por meio do uso do discurso direto — quando dá voz a outra pessoa dentro do discurso. As aspas — quando um enunciado é colocado entre aspas porque não sou eu que estou dizendo. Ironia — embora não é uma sequência linguística perceptível como o uso das aspas, itálico e outros; o interlocutor compreende que aquilo que é dito não significa somente o que foi dito, mas também outra coisa. A autora salienta que no discurso, localizar a heterogeneidade, é opô-lo à diferença do resto da cadeia, da unicidade da língua, do discurso, do sentido, etc., pois remete a um exterior explicitamente especificado, ou mesmo a especificar, “a designação de um exterior específico é, através de cada marca de distância, uma operação de constituição de identidade para o discurso”. (AUTHIER, 1990, p. 31).

A autora Authier (1990) salienta que na heterogeneidade há uma zona de contato entre o exterior e o interior que revela a distância de um discurso com relação ao outro, ou seja, os limites para se defender — falo, mas não sou eu quem diz, apenas estou repetindo o que me disseram, então, me eximo da responsabilidade por este dizer. Ou para me constituir — que estou dizendo não sou eu apenas que enuncio, mas considero verdade porque alguém com mais conhecimento, ou com mais poder de afirmação disse, isto é, por exemplo: se um trabalhador de uma fábrica disser que uma certa marca de creme dental é boa, pode até ser verdade, mas não terá tanta aceitação quanto um dentista dizer que esta marca de creme dental ou aquela é melhor. A autora (1990) apresenta uma outra heterogeneidade, a constitutiva — que não é localizável e também não representável no discurso que constitui, ou seja, há no ato de formação um interdiscurso e o inconsciente, pois o sujeito enuncia um discurso já dito e não percebe que apenas o reproduz em vez de produzir, isto é, trata-se de um discurso já mencionado anteriormente que surge como o novo no ato da enunciação.

Dessa forma, quando um discurso de outra pessoa é citado, quer esteja próximo ou não, é a manifestação de várias vozes no discurso, ou seja, é uma construção de uma nova situação comunicativa por meio do discurso de outrem. De acordo com Bakhtin (2006, p. 147), o discurso de outrem pode entrar no discurso, bem como na sua construção sintática, na

sua totalidade de construção. Uma das características do discurso de outrem é o discurso citado, que conserva sua autonomia estrutural e semântica, todavia não altera a trama linguística do contexto que o integrou. Como no exemplo anterior em que o enunciado: “*Minha internet está igual ao Neymar: só cai*”, conserva sua autonomia estrutural e semântica, (*Neymar só cai*), que é fazer uma crítica ao jogador brasileiro por suas frequentes quedas no campo de futebol. Todavia, não altera a nova trama linguística, ao dizer que o sinal da internet está fraco, e frequentemente está em queda.

Em relação ao discurso de outrem, Bakhtin (2006, p. 154) também explica que o narrador tem a opção de apagar ou não os limites do discurso citado, com a finalidade de enfatizar seu humor, ironia, ódio, além de seu encantamento e até mesmo seu desprezo. Assim, para a constituição do discurso, há sempre a presença de outras voz(es) que fazem com que o momento da enunciação seja significativo, e um deles é o discurso indireto, que tem por característica não afirmar, transpassar as emoções e os afetos do discurso, pois se junta ao discurso como forma de enunciação, isto é, o interlocutor se utiliza de uma fala alheia e transmite esta fala sem, é claro, transmitir as emoções do enunciado alheio, mas sim o seu. Bakhtin cita um exemplo que explica de maneira clara este tipo de discurso:

“Muito bem! Que grande realização!” não pode ser transposta para discurso indireto da seguinte maneira: “Ele disse que muito bem e que grande realização”. Ao contrário, esperamos ou: “Ele disse que estava muito bem e que era uma grande realização”, ou “Ele disse entusiasmado que estava bem e que era uma grande realização”. (BAKHTIN, 2006, p. 162).

O discurso indireto, segundo Bakhtin (2006, p. 166), principalmente os que são perceptíveis pelo uso das aspas se torna impactante aos ouvidos do leitor. Mas este impacto é regido conforme os interesses do autor, pois, às vezes, ele quer fazer uma ironia sobre um assunto, ou mesmo se afastar do que está sendo dito, ou seja, o sujeito enuncia, mas se exime da responsabilidade de seu dizer.

Na mesma linha de pensamento, Maingueneau (2001, p. 149) irá explicar que “com o discurso indireto, o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o conteúdo do pensamento”. Este teórico também salienta as formas híbridas no discurso indireto, onde o citante isola entre as aspas uma parte do texto, e ao mesmo tempo o utiliza no seu discurso. Este tipo de citação, para o teórico, é denominado de *ilha*, pois simboliza metaforicamente o isolado do discurso citado da/do citante. Assim, Cardoso (1999, p. 69) também dirá que “[...]”

o discurso indireto somente é citado em função do seu sentido, porque constitui uma paráfrase da enunciação citada, já que não se reproduz o significante”.

Outra característica das vozes discursivas é o discurso direto que, segundo Cardoso (1999, p. 68-69), “implica fazer falar um outro, atribuindo-lhe a responsabilidade da fala, o que não implica que sua verdade tenha uma correspondência literal, termo a termo”. Conforme Maingueneau (1997), umas das características do discurso direto é a aparição de um segundo locutor no enunciado daquele que fala, ou seja, uma reprodução literalmente das alocações citadas. Destarte, o sujeito discursivo se apresenta em uma esfera comunicativa e as várias vozes se manifestam nos gêneros discursivos, sendo assim, procuraremos entender, a seguir, esta noção bakhtiniana de gêneros do discurso.

2.4 Gêneros do discurso

Bakhtin (2003) vai afirmar que todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre correlacionadas com a utilização da língua, sendo que esta utilização acontece em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos, concretos e únicos, que surgem de uma determinada esfera de comunicação. Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera. Estes momentos e lugares de enunciação específicos que Bakhtin (2003, p. 280) denomina como esferas da atividade humana, por mais diversas que sejam, sempre estão relacionadas e se materializam na linguagem. O teórico russo afirma que três são os elementos — o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional — que estão interligados ao todo do enunciado e “determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Fiorin (2008), pautando-se em Bakhtin, exemplifica como agimos em relação a essas esferas no cotidiano, possibilitando-nos uma melhor compreensão de como:

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho de um jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades da esfera. Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alteração nessas esferas de atividades. Só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados. (FIORIN, 2008, p.61).

Bakhtin destaca que essas esferas de atividade humana constituem os enunciados e que, na utilização da língua “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. (BAKHTIN, 2003, p. 262). Esses gêneros do discurso, portanto são caracterizados pelo conteúdo temático, pela construção composicional e pelo estilo.

De acordo com o entender de Fiorin (2008), conteúdo temático não é o assunto específico de texto, mas sim um domínio de sentido pelo qual o gênero se ocupa. O teórico usa como exemplo as cartas de amor, que têm por conteúdo temático as relações amorosas. Todavia, cada uma delas apresenta um assunto específico que pode ser; o rompimento de x com y, uma declaração de amor, um pedido de namoro etc. As aulas têm por conteúdo temático o ensinamento, agora o assunto específico pode ser o mais variado possível; pode ser um curso de história, de artes, literatura, filosofia, psicologia, culinária etc..

Quanto à construção composicional, Fiorin (2008) explica que é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. Por exemplo, a carta tem uma comunicação diferente, pois é preciso situá-lo no tempo, em um espaço e em uma relação de interlocução para que possa ser compreendida.

Já o estilo, para Fiorin (2008, p. 62) é uma seleção de meios linguísticos, “[...] uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado”. O teórico usa como exemplo: um estilo oficial, que usa formas respeitadas, como em requerimentos, discursos parlamentares, etc. Um estilo familiar, em que o interlocutor está fora das hierarquias sociais e das convenções, como em brincadeiras de amigos, uma informalidade em relação ao uso da linguagem. Um estilo íntimo, onde há um tratamento daquilo que é pessoal e assunto só de duas pessoas, como um casal de namorados, esposo e esposa, ou seja, usa estilo linguístico daquilo do privado, do particular.

De acordo com Bakhtin (2003) os gêneros do discurso são “extremamente heterogêneos” e, em razão disso é difícil “definir a natureza do enunciado”, dessa forma estabelece a diferença que considera essencial entre os gêneros, classificando-os em gêneros primários (simples) ou secundários (complexos).

Os gêneros secundários (complexos) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) (.....) Os gêneros primários (simples) se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. (Bakhtin, 2003, p. 263).

Os gêneros secundários do discurso, que para Bakhtin (2003) são o romance, o teatro, o editorial, o discurso científico, o sermão, etc., são características de uma comunicação cultural mais complexa, são frequentemente, escritos, mas não exclusivamente. Além disso, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários. Estes se transformam dentro daquele e adquirem uma característica particular, ou seja, perdem sua relação com a realidade existente, por exemplo, em um romance, pode aparecer uma conversa informal de dois amigos, um diálogo cotidiano ou carta, em que se conserva a forma e o significado apenas em relação ao conteúdo romance, porque está dentro da estrutura do romance, sabendo que este é um gênero literário-artístico e não da vida cotidiana. Assim, como estamos falando de gênero do discurso, iremos abordar a seguir a narrativa de vida, que é o gênero discursivo que compõe o *corpus* desta pesquisa.

2.5 O gênero discursivo narrativa de vida

No decorrer de nossas vidas, em nossas conversas diárias com amigos, namorado (a), sempre gostamos de falar de nós mesmos, falamos de nossos dramas, das dificuldades enfrentadas na vida, e ainda mais, sempre procuramos contar de modo que sejamos vencedores em nossa própria história, esta modalidade de narrar a própria história se enquadra em um determinado gênero, estamos falando do gênero narrativa de vida.

Nesse sentido, por narrativa de vida, entenderemos todo processo discursivo assumido por um sujeito que tenha como objetivo contar a vida de um ser que existe ou existiu, seja ele próprio ou outro. Consideramos, então, que o objeto desse gênero genealógico seja constituído pelos percursos vividos por um sujeito ao longo de sua existência, por momentos trazidos pelas suas próprias lembranças ou pelo acesso direto a documentos e escritos pessoais do *personagem-objeto-da-narrativa*, ou seja, um todo que envolve não só acontecimentos, mas também sentimentos, relações interpessoais, ideologias, crenças e valores. (CARVALHO, 2016, p. 27).

Sendo assim, o sujeito ao contar uma história envolve todo um contexto histórico de vivências, por lugares que passou, por pessoas que conheceu, histórias contadas a ele que assumem um valor de verdade ou não, por valores e ideologias que o constituem.

Segundo Machado (2015), as finalidades do gênero discursivo narrativa de vida não se limitam a contar histórias, na medida em que este gênero possui um poder de persuasão muitas vezes mais eficaz do que as argumentações lógicas. Quem conta uma história, conta ao seu leitor, com mistérios e encantamentos.

Toda narrativa de vida implica em uma escolha. Existem fatos que foram realmente

vividos e experimentados por diferentes indivíduos reais: para transcrevê-los aciona-se um *eu*, que, conforme sua vocação, pode ser dramático, irônico, moralista, etc. e que vai deixar suas marcas de estilo na narrativa de vida onde irá atuar. E tais marcas podem aparecer em vários espaços de escrita ou em vários gêneros que, sem grandes pretensões genealógicas, contam fatos da vida de um indivíduo empírico. (MACHADO, 2015, p. 102-103).

Em uma narrativa de vida, de acordo Carvalho (2016), o sujeito produz sua história, mas como autor e protagonista desta história, isso porque irá se utilizar de mecanismos linguísticos que mais lhe satisfaçam, ou seja, que possam enfatizar sua narrativa conforme a maneira que julga boa e correta perante os olhos dos demais, mesmo que isso ocorra de maneira inconsciente. Segundo a autora (2016, p. 29) é no discurso que as pessoas se organizam na sociedade, mantêm laços afetivos, entre famílias e com os demais da sociedade, “ou ainda, é discursivamente que os sujeitos estabelecem diferentes modos de ser e imaginários discordantes, o que gera conflitos pessoais, diplomáticos, religiosos, entre outros tantos de diferentes tipos”. Sendo assim, a pessoa que enuncia sua história tem uma intencionalidade, e organiza seu discurso por meio de estratégias para chegar ao seu objetivo de convencimento.

Na narrativa de vida, segundo Carvalho (2016), por ser escrita em primeira pessoa, é revestida pela visão que o indivíduo tem de sua vida e da sua história, no momento da escrita. Ele recorda esses momentos de vida em que seleciona alguns acontecimentos e desconsidera outros. Também, este narrador, quando narra sua história e no meio desta narração precisa contar a história de outra pessoa, que ele presenciou ou lhe contaram, escolhe o melhor discurso para contar/narrar a história do outro, atribui sentido e hierarquiza os acontecimentos, ou seja, o narrador pode criar argumentos positivos ou não da outra pessoa a ser contada.

Nesse sentido, podemos pensar que, em vez da totalidade da vida, a *narrativa de vida* apresentaria, por ser uma produção discursiva – e, portanto, socialmente localizada – uma versão possível da vida. Uma versão resultante do esforço de alguém que busca, em determinado momento e com determinado(s) objetivo(s), construir para si ou para um terceiro, uma identidade, uma vida dotada de sentido plausível. (CARVALHO, 2016, p. 34).

O narrador, ao contar uma história, se movimenta em uma trama que possa fazer sentido e ser interessante tanto para ele quanto para o leitor. Carvalho (2016) comenta que entre o percurso biográfico e uma narrativa contada, há uma imensidão de “materiais mentais”, termo usado por Bertaux (1997 *apud* CARVALHO, 2016), que vai dizer que é por

meio destes materiais mentais que o relato é criado pelo indivíduo, isto é, lembranças boas ou ruins, julgamento moral, reflexões e ideologia.

As lembranças, conforme salienta Carvalho (2016), presente no meio social em que o indivíduo está inserido, vai ser o fator preponderante para a construção de seu imaginário. Então, o indivíduo sofrerá influência de outras vozes, com as quais convive desde a infância e assim irá construindo sua consciência, sua maneira de perceber o mundo.

A narrativa – ou relato, ou história – de vida está ligada ao exercício da memória de quem a concebe. A memória de um ser humano é um universo onde diferentes vozes se conjugam, além da voz do ser que reflete sobre si e sobre sua existência. Essas vozes “falam” de acontecimentos pessoais, vividos pelo indivíduo em pauta mas também de acontecimentos coletivos dos quais o indivíduo, participou de uma forma ou de outra. Essas informações armazenadas criam um *pot-pourri* de imaginários que vão se refletir nas palavras do ser-pensante, em ocasiões diversas, desde que ele convoque suas lembranças. Por vezes o indivíduo foi testemunha de tais acontecimentos coletivos; mas há casos em que ele deles tomou conhecimento pelas palavras de um terceiro. Seja como for, essas informações podem se mesclar e dotar o indivíduo de um amplo estoque de imaginários. (MACHADO, 2016, p. 122).

Estas lembranças, de acordo com Machado (2016), presente em um espaço social e por meio de suas práticas serão os elementos preponderantes para o desenvolvimento do imaginário. Em suma, o indivíduo é influenciado por ideias que recebe de outras vozes desde sua infância. Assim, a autora vai usar o termo *habitus* — a maneira como a sociedade nos influencia, dando-nos certas formas de pensar e agir. O *habitus* é um processo contínuo, é o encontro do indivíduo com a sociedade. Então, o uso do termo serve para explicar que determinada prática de um grupo ou classe, cria no indivíduo estruturas objetivas, formas de pensar mais menos parecidas, de acordo com sua classe e gera respostas objetivas ou subjetivas conforme a visão geral de sua classe. Agora passaremos para análise, a fim de evidenciarmos como se constituem os discursos dos professores de língua portuguesa de Bela Vista participantes desta pesquisa por meio da fundamentação teórica.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE VIDA – FORMAÇÃO E SENTIDO DE SER PROFESSOR

Este capítulo compreende as análises realizadas com as narrativas de vida dos professores de língua portuguesa de Bela Vista - MS, com a finalidade de compreender como se revelam seus processos de formação, bem como a construção do sentido de ser professor. Objetivamos aprofundar a análise de dados coletados durante a pesquisa, por meio das narrativas de vida desses professores. Assim, as análises estão alicerçadas na fundamentação teórica apresentada no capítulo II, com vistas a responder à questão central que permeia este estudo, ou seja, *o que os discursos dos professores revelam sobre os seus processos de formação e os sentidos de ser professor?*

Para a realização das análises, estabelecemos dois tópicos que foram definidos a partir da indagação central desta investigação, que são:

3.1. Os discursos acerca dos processos de formação.

3.2. Os discursos acerca dos sentidos de ser professor.

Entretanto, antes de prosseguirmos vale ressaltar que o *corpus* de nossa pesquisa é constituído por uma intergenericidade, ou seja, é uma narrativa de vida dentro de outro gênero, o questionário, então não é apenas narrar uma história para um amigo, em uma roda de conversa informal, sendo assim, é um gênero secundário; tem por conteúdo temático um questionário, sabendo que o conteúdo temático não é assunto, mas o domínio do sentido, então o questionário pode versar sobre várias coisas, só que nesta dissertação é uma entrevista onde os professores narram sobre seu processo de formação e o sentido de ser professor.

A construção composicional se configurou em um questionário impresso, com sete perguntas que direcionaram os professores para a constituição de suas narrativas de vida. Quanto ao estilo, embora seja uma narrativa de vida, como uma conversa informal, apresentou um estilo linguístico mais seletivo, pois foi uma interlocução de professor para professor-pesquisador, também colaboração dos professores da Universidade Estadual de Mato do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande, ou seja, conforme emanam as convenções sociais, onde soaria estranha uma linguagem menos formal, os professores deram predominância a uma linguagem mais monitorada.

3.1 Os discursos acerca dos processos de formação

Um determinado enunciado é produzido com o uso da língua, se materializa em um dado lugar, no tempo e na história. Este enunciado envolve os sujeitos presentes em uma sociedade, também só significa por meio de um sistema de signos, que têm os seus efeitos de sentidos pretendidos e os que são obtidos, é, portanto, com o uso da língua que o sujeito constrói sua identidade. De acordo com Costa & Gonçalves (2013, p. 132), a busca por uma identidade profissional pode ser muito complexa e desgastante. Esta busca requer tempo e também inclui a apropriação da sua história pessoal, ou seja, ao escolher sua profissão, uma pessoa traz consigo toda uma vivência; desde a infância, os lugares percorridos, as pessoas com quem conviveu e todo um trajeto de vida que refletirá na sua profissão. E com a escolha da docência não é diferente, pois, “este processo identitário passa, também, pela habilidade que apresentamos ao exercer com autonomia a nossa atividade e pela forma que a conduzimos, uma vez que a maneira como o professor ensina está intimamente ligada àquilo que somos como pessoa”. (COSTA & GONÇALVES, 2013, p. 132).

Sendo assim, esta dissertação dá voz aos professores de língua portuguesa, participantes desta pesquisa em Bela Vista - MS. Por meio das suas narrativas de vida, os professores envolvidos em um processo de interlocução com o pesquisador e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, narraram sobre seus processos de formação identitária, considerando os aspectos históricos, social e ideológico e a maneira que esta formação constitui o ser professor naquela cidade. Para o desenvolvimento da pesquisa recorreremos a AD, a ADD no intuito de mostrar os processos de formação, bem como o sentido de ser professor de um público que participa cotidianamente da formação de tantas outras pessoas. Agora é vez de eles darem-se a voz e falarem um pouco da sua formação histórica, social e ideológica, enquanto professores que apesar de tantas outras atividades, doaram um pouco do seu tempo e participaram com o maior entusiasmo desta pesquisa.

Para que um discurso se materialize é necessário que existam as condições de produção discursiva que, segundo Orlandi (2005), envolve os sujeitos e a situação, mas também, envolve a memória dos discursos: o já dito. Sendo assim, o discurso acontece em uma situação específica, no caso aqui, aconteceu por meio de um encontro do pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul com os professores do município de Bela Vista. E neste encontro fez com que os discursos se constituíssem em um dado momento sócio-histórico e ideológico. Então o discurso da professora L. A. afirma que:

[...] Bela Vista é ótima para quem quer uma vida tranquila, sem muitas badalações, onde todos conhecem praticamente todos, embora seja uma cidade fronteira, os problemas de segurança pública resumem-se em pequenos delitos. [Quest.nº 1].

Evidenciamos um discurso já tido, um interdiscurso, conforme afirma Orlandi (2005), tudo que vivemos ou foi vivido na sociedade é lembrado e atualizado em um novo discurso, pois em parte este discurso fica armazenado pela consciência e outra fica no inconsciente. Por isso, quando a professora L.A. diz que *[...] Bela Vista é ótima para quem quer uma vida tranquila, [...] sem muitas badalações, [...] embora seja uma cidade fronteira, os problemas de segurança pública resumem-se em pequenos delitos*, configura-se em um discurso já dito pelos próprios membros da sociedade do interior e da fronteira, resgatado pela professora, de que os grandes centros são agitados, tráfegos caóticos, muitos ruídos, é preciso acordar cedo, pegar vários ônibus para ir ao trabalho, os índices de violência são muito grande. Em contraste a essas implicações dos grandes centros a cidade de Bela Vista oferece uma vida tranquila.

Assim é construído o discurso da professora pelo resgate da memória e por posicionamentos ideológicos, que segundo Fiorin (2007), são entendidos como uma visão de mundo que um grupo da sociedade tem da realidade. A professora L.A. ao narrar que a cidade de Bela Vista é uma cidade de fronteira em que não há violência, contrapõe-se há uma visão ideológica da sociedade de que, de maneira geral, as cidades de fronteira são violentas e perigosas devido ao contexto histórico da guerra com país vizinho, Paraguai, e também por algumas cidades maiores, na atualidade, apresentarem grandes índices de violência por causa das rivalidades entre traficantes.

Em relação aos processos de formação dos professores sujeitos desta pesquisa, revelado por meio do gênero narrativa vida, para constituir seus discursos os professores selecionam formas linguísticas para melhor interagir com o interlocutor/ pesquisador no intuito de não só participar da pesquisa, mas também apresentar um pouco mais de si, da sua história. Desta forma, Carvalho (2016, p. 29) explica que, em uma narrativa de vida, o sujeito produz sua própria história, sendo ele o autor e protagonista dessa história. Assim sendo, este sujeito irá se utilizar de mecanismos linguísticos que mais lhe satisfaça, ou seja, vai escolher falas, histórias, a forma de enredar seu discurso, de modo a obter a aprovação de seu ouvinte, e também, o sujeito-narrador pode contar uma história de outra pessoa de modo a enaltece-lo ou a diminuí-lo. A autora (2016) também esclarece que é por meio do discurso que as pessoas

se organizam na sociedade, mantêm laços afetivos, entre famílias e com os demais da sociedade, e é por meio do discurso que os sujeitos se posicionam diferentemente uns dos outros, ora gerando conflitos pessoais, diplomáticos, religiosos, ora gerando um vínculo amigável, afetivo, etc.. Então, ao se manifestar discursivamente, o sujeito constrói uma intencionalidade e usa estratégias discursivas para chegar ao convencimento que deseja.

Essas estratégias discursivas, a possibilidade de escolher falas, selecionar histórias, pode ser observado na narrativa da professora L.A. visto em: [...] *A minha infância foi num sítio, em que eu estudava numa escola rural e tinha que ir de ônibus. [Quest.nº 2].* A professora vai manifestar em escalas, na sua narrativa, dá infância à idade adulta, primeiro, a vida na área rural, em que conta com o conhecimento prévio que seu interlocutor tem sobre a área rural para se manifestar linguisticamente. Demonstra, assim que no campo é difícil pelo fato de não haver recursos como há nas cidades, isto é, não há meios de informação, tais como: internet, bibliotecas, também, em relação à infraestrutura, não há água tratada, muitas das vezes nem luz, os meios de transportes são precários, para estudar é preciso levantar-se muito cedo, de madrugada. Outra questão é que as escolas são sedes velhas das fazendas, sem adequação para o ensino, isto é, suas estruturas não são propícias para que funcione nesse espaço um estabelecimento de ensino. Ainda em relação ao ensino, só há o Ensino Médio nas cidades, bem distante, com estradas precárias, fazendo com que, em certos momentos, a viagem pare no meio do caminho por problemas no transporte ou por não haver condições de seguir em frente devido à difícil locomoção, então alguém que consegue driblar essas dificuldades já é um vencedor.

De acordo com Machado (2015), em uma narrativa de vida há sempre uma escolha, isto é, há fatos realmente vividos por diferentes indivíduos, mas que, ao dizer para alguém aciona um *eu* que, conforme a situação pode ser dramático, irônico, moralista etc., e vai deixar essas marcas transparecerem no seu discurso. A professora L.A. ao narrar sua história de vida, cria um texto-discursivo envolvendo uma dramaticidade e superação. Comenta da dificuldade da vida no campo: localidade, transporte, acesso à informação; em segundo lugar, a dificuldade em cursar uma faculdade, pois, não havia universidades próximas, visto no trecho a seguir:

[...] Depois na adolescência, já morando na cidade, o maior sonho no Ensino Médio era fazer uma faculdade com um Curso Universitário excelente e promissor, único empecilho: só havia faculdades em outras cidades ou na capital. [Quest. nº 2].

Sendo assim, a professora L.A. apresenta as dificuldades encontradas durante seu processo de formação, pois, sabe que nada foi fácil em sua vida, por isto que na sua época muitos jovens que terminavam o Ensino Médio já acreditavam ter concluído seus estudos, uma vez que não havia universidades próximas, bem como havia muitos jovens que não tinham parentes e nem condições necessárias para se mudarem para os grandes centros a fim de estudar. É possível constatar, por meio do discurso da professora, a imagem que as pessoas de posições menos favorecidas constroem de si, isto é, segundo Cardoso (1999), os sujeitos ocupam um lugar na sociedade e se pronunciam daquele lugar, construindo imagens que atribuem a si mesmos, aos outros e sobre o que será dito.

Então, há esta representação-imagética, de um discurso que gira em torno das pessoas da área rural e carecidas de uma situação financeira melhor, isto é, que uma pessoa sem muito poder aquisitivo dificilmente conseguirá ingressar em [...] *Curso universitário excelente e promissor*. Por mais que existam universidades públicas que ofertam esses cursos, estes, na sua maioria, são cursos integrais e uma pessoa igual à professora L.A. que precisa estudar e trabalhar, seria impossível só estudar, tendo em vista que sua família também não iria conseguir ajudá-la devido às condições financeiras.

Com a citação de Carvalho (2016) já mencionada no capítulo II, é possível ver como a professora L.A. hierarquiza os acontecimentos para melhor compartilhar com o entrevistador sobre sua história de vida.

Nesse sentido, podemos pensar que, em vez da totalidade da vida, a *narrativa de vida* apresentaria, por ser uma produção discursiva – e, portanto, socialmente localizada – uma versão possível da vida. Uma versão resultante do esforço de alguém que busca, em determinado momento e com determinado(s) objetivo(s), construir para si ou para um terceiro, uma identidade, uma vida dotada de sentido plausível. (CARVALHO, 2016, p. 34).

A professora L.A. por meio da sua produção discursiva cria uma versão da sua vida para si, mas também para compartilhar com seu interlocutor, o pesquisador, então, ela fala das dificuldades financeiras da família: [...] *Em uma família tradicional e com outros filhos, isso era quase impossível, já que a maioria das famílias sobrevivem com recursos resultado do fruto de seu próprio trabalho. [Quest. n° 2]*. Esta produção discursiva da professora mostra alguns outros discursos que estão entrelaçados aos seus. Esses outros discursos, segundo Orlandi (2005), se constituem no interdiscurso, tido como todo um conjunto de formulações feitas e esquecidas, ou seja, para que uma palavra tenha sentido é necessário que ela já faça

sentido.

Assim, a professora L.A. retoma alguns discursos já existentes na sociedade, como por exemplo, o de que as famílias menos favorecidas economicamente têm número maior de filhos, mas isto é um posicionamento ideológico que a sociedade de maneira geral possui, ou seja, conforme afirma Fiorin (2007), uma formação ideológica se configura em uma formação discursiva, temas que apresentam uma dada visão de mundo. Por meio da formação discursiva o sujeito reage aos acontecimentos, sendo então, o discurso é mais um lugar de reprodução do que da criação. Desta maneira, há um posicionamento ideológico na sociedade, principalmente daqueles que são mais elevados em relação à economia, de que as famílias da classe menos favorecida economicamente, assim o são devido ao número maior de filhos possuem.

Outro interdiscurso presente no discurso da professora é o de que a [...] *maioria das famílias sobrevivem com recursos resultado do fruto de seu próprio trabalho*. É um discurso presente no dizeres das pessoas desempregadas do campo, como o Movimento Sem Terra (MST), pois devido ao avanço da tecnologia no campo perderam seus espaços de trabalho, e nas cidades não conseguem se adequarem, sendo assim, a única forma de trabalhar que coube a eles é por conta própria na pequena propriedade, e de lá tirar seus sustentos da própria terra. A professora L.A. por ser ex-moradora rural, materializa as imagens que as pessoas da área rural têm deles próprios, perante os demais da sociedade: que são famílias numerosas, não têm outra renda além do que produzem, então a ascensão social de qualquer um dos seus membros é muito difícil.

Assim como as produções discursivas, os interdiscursos presentes na narrativa de vida da professora L.A. enfatizam as dificuldades encontradas na infância, na adolescência, durante o curso superior e também há os entraves que ocorreram após a conclusão do curso visto no seguinte trecho:

[...] Digo isto, pois senti na pele essa dificuldade, saí da graduação sem um emprego na área da educação, fiz concurso para área administrativa, somente após cinco anos, pude ser aprovada no curso da qual eu tinha me graduado. [Quest. n° 3].

A professora além dos obstáculos enfrentados na infância, do ingresso na faculdade, ainda após a conclusão do curso enfrentou uma outra problemática, a de se colocar no mercado de trabalho. Essa questão surge quando uma instituição de ensino é criada para suprir

uma carência de um determinado profissional em uma região, o que é bastante positivo, no entanto, após alguns anos pode haver uma saturação de mão de obra nessa área, pois a demanda por esse tipo de profissional, em um determinado lugar, no caso em Bela Vista, talvez já não fosse necessária. O mercado de trabalho então começa entrar em desequilíbrio, ou seja, começa tornar-se altamente competitiva a colocação desses profissionais.

Esse discurso da professora pode evidenciar ainda a falta de oferta de concursos na área da Educação e Linguagem para que os profissionais possam se colocar de maneira efetiva no mercado de trabalho, haja vista o grande número de professores contratados que atuam nas escolas do Estado.

Agora já formada e atuando na área da educação há um desafio permanente que é a desvalorização e a precariedade do ensino: *Tudo que aprendemos no Curso de Graduação não nos prepara para os desafios de uma sala de aula, lidar com as diversidades e com a precariedade do ensino público [Quest. nº 4]*. Ou seja, toda essa escala de luta e superação não é contada de maneira aleatória, mas sim porque a professora L.A. organiza os argumentos e vai compartilhando-os com seu interlocutor, problematizando a séria questão da qualidade da formação docente, que está sendo oferecida pelas universidades e faculdades, públicas e privada. No entanto, ao mesmo tempo em que evidencia as dificuldades da formação, afirma que é possível uma trajetória de superação de barreiras, mostrando ao interlocutor sua história como protagonista e vencedora.

Conforme afirma Orlandi (2005), para que um discurso exista, são necessárias as condições de produção, que são os “sujeitos e a situação”. Sendo assim, o discurso é constituído em dado momento social, com uma determinada intencionalidade, que vai resgatar a memória dos discursos: o já dito. Daí a explicação de que o discurso acontece por meio da circunstância da enunciação que é o seu contexto imediato, que pode ser uma conversa de uma mãe com um filho, ou uma reunião de empresários, etc., e também está vinculado a um contexto mais amplo, onde está incluído o social, o histórico, e o ideológico.

Desta maneira, as condições de produção do discurso dos professores de língua portuguesa de Bela Vista, colaboradores com a pesquisa, acontecem em um contexto imediato que é uma entrevista para um pesquisador de uma universidade. Em relação ao lugar que ocupa o sujeito e o lugar que ocupam os interlocutores o discurso dos professores entrevistados é cuidadoso, pois, ao saber a finalidade da entrevista, ou seja, uma pesquisa, eles automaticamente sabem que estão sendo observados de uma maneira diferente e como já existe um discurso historicamente instituído de que professor de língua portuguesa tem que falar e escrever bem, então, selecionam as palavras mais adequadas para responder, bem

como profissionais que representam uma classe passam a falar e representar de certa forma a classe na qual estão inseridos.

Além disso, esta forma de representação de classe entre os professores participantes da pesquisa acontece por meio da presença de outros discursos, ou seja, do dialogismo. Fiorin (2016) enfatiza que, no dialogismo bakhtiniano, todo enunciado surge a partir de outro enunciado, sendo que é uma réplica a um, ou, outros enunciados. Então, em um enunciado há sempre mais de uma voz; mesmo que não estejam explícitas, estão ali, juntos, significando e dando significado. Isso ocorre porque são heterogêneos, revelam posições, a sua e aquela em relação a qual se constrói. No discurso da professora L.A. é possível perceber o dialogismo no seguinte trecho: *A minha graduação de 4 anos (2006-2010), foi muito gratificante e com ele aprendi muitas coisas que no ensino regular ficaram um pouco defasado [...] [Quest. nº 3].* Ou seja, a professora constrói seu enunciado por intermédio de outro já existente na sociedade, que as escolas regulares de ensino público são defasadas e por isso não oferecem e não preparam as pessoas suficientemente para ingressar na faculdade.

Em suma, é possível perceber a formação de um ciclo, é um direcionamento do ambiente social do qual a pessoa veio, um assujeitamento, pois é difícil ver um filho de médico se tornar agricultor, por que quem está em uma profissão de prestígio não iria querer passar para outra que é menos prestigiada, por isso que até O Gostar, o desejo de ser é influenciado pelo meio social, ou seja, não é o que eu quero realmente fazer da minha vida, mais é o que é mais bem visto na sociedade. Então, sempre há um posicionamento social em que algumas profissões valem mais a pena de serem seguidas e outras não. Sendo assim, a tendência da professora L.A. seria seguir o que os pais fazem não que seja por opção, mas sim por falta de opção, todavia, ela foi além se tornou uma professora, o que para ela e para seus familiares é motivo de muito orgulho.

Observamos, também, que juntamente com a professora L.A., a professora L.B. constrói um enredo de sua vida baseado na dramaticidade e superação, em que ambas ressaltam que suas famílias eram grandes, sendo assim ficava difícil para os pais dar-lhes uma melhor formação:

Minha infância foi difícil, perdi meu pai muito cedo, venho de uma família composta por 5 irmãos e desde então tivemos que ajudar nossa mãe. Não tenho muitas lembranças da infância, deve ser porque tive responsabilidades desde cedo. Crescemos todos aqui em Bela Vista – MS estudei em escola pública, trabalhei em escritórios e aos

20 anos prestei vestibular para o curso de Letras, o qual tenho muito orgulho e que me proporcionou obter uma vida estável hoje. [Quest. n° 2].

De acordo com Machado (2015), as intenções do gênero discursivo narrativa de vida não se limitam a contar histórias, porque este gênero possui um poder de persuasão muitas vezes mais eficaz do que as argumentações lógicas. Então, quem conta uma história, conta ao seu leitor, com mistérios e encantamentos. Sendo assim, a professora L.B. expõe argumentos de como sua narrativa de vida aconteceu: primeiro afirmando que perdera o pai muito cedo, isto é, estamos em sociedade em que praticamente o homem é o provedor de casa e na sua ausência a família fica desestruturada. No entanto, a professora mostra ao contrário, ela e os irmãos assumiram o lugar do pai e começaram a trabalhar e, devido a esta situação, perdeu junto com os irmãos a infância. E já cursando a faculdade, a professora L.B. relata no seguinte trecho: [...] *mas não podia desistir, pois a vida na cidade pequena é muito difícil e as ofertas de empregos também* [Quest. n° 3], que após ingressar na universidade não poderia desistir, pois tinha consciência da real situação em que se encontrava, que não há muitos espaços no mercado de trabalho, então, esta era sua única chance de ganhar um pouco mais e ter assim uma vida estável.

Ao construir uma narrativa de vida, o indivíduo seleciona alguns dizeres e excluem outros e com a professora L.B. não é diferente, ao produzir o enunciado: [...] *Não tenho muitas lembranças da infância, deve ser porque tive responsabilidades desde cedo* [...], seleciona na sua narrativa as melhores palavras para criar a construção de sentido de que, ter responsabilidade cedo não é bom e por isso não vale a pena ser lembrado. Também remete a um interdiscurso, aquilo que é dito em outro lugar depois de um breve esquecimento, conforme Orlandi (2005), ou seja, é retomada com um novo sentido.

Destarte, o enunciado da professora L. B. evidencia o não cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente que assegura a toda criança/adolescente o direito de estudar, brincar, divertir-se. Então, ao afirmar que teve responsabilidade e negar a lembrança da sua infância, a professora está expondo sua história de modo a mostrar ao seu interlocutor que apesar das dificuldades ela demonstra uma superação de vida. Este saber que a professora corrobora sobre a infância e o trabalho é um enunciado que surge a partir de outro enunciado, conforme Fiorin (2016) é uma réplica a um, ou, a outros enunciados.

A professora L.C. — considerando que um enunciado surge de outro enunciado e se concretiza dentro de um gênero — constrói sua narrativa por meio da dramaticidade e superação semelhante à professora L.B. conforme o seguinte trecho:

Tive uma infância muito feliz, criada pelos meus avós tive a oportunidade de brincar muito, apesar das dificuldades enfrentadas por eles para nos manter, já que eram oriundos da classe baixa, meu avô, trabalhador braçal, autônomo e bem mais tarde, funcionário público e minha avó, do lar. [Quest. nº 2].

Em sua narrativa, a professora comenta que apesar de ter uma infância feliz, foi criada por avós e por algum motivo estes assumiram o lugar dos pais. Relata que eles também eram de família de baixa renda, por isso sofrera junto com os avós muitas dificuldades financeiras. De acordo com Mussalim (2004), na constituição do discurso, há um jogo de imagens, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa, e das representações que faz ao enunciar. Dessa afirmação é possível depreender algumas construções de sentido: primeiro quem é criado pelos pais, geralmente recebem destes maiores cuidados com a formação, no sentido de preparar para vida, estudar e ter uma formação acadêmica, uma profissão. Segunda situação, quem é criado pelos os avós, apesar do amor incondicional que eles sentem pelos netos, geralmente, são criados mais livres, sem se preocupar muito com sua formação acadêmica, profissional. Além disso, a afirmação da professora nos possibilita compreender que embora tenha sido feliz com os avós, estes não tiveram recursos para mantê-la estudando, tendo assim ela mesma de lutar pelos seus objetivos. Com base nessas duas possibilidades de construção de sentido, é possível depreender a imagem que a professora L.C. tem de si, ou seja, de uma pessoa que andou por conta própria, sozinha, venceu na vida, conseguiu se formar.

Para Mussalim (2004), o jogo de imagens que há no discurso se materializa por meio das condições de produção, ou seja, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa, e, das representações que faz ao enunciar. Sendo assim, o professor L. D. ao narrar sua própria formação enquanto pessoa, vai trazer a imagem que o grupo ao qual pertenceu tem de si em: *Sempre estudei em escola pública. Sempre incentivado pelos meus pais a continuar estudando, pois esta era a única e melhor forma de eles garantirem um futuro melhor para mim. [Quest. nº2].* Nesse trecho da narrativa o professor L. D. traz a importância do incentivo dos pais para que se formasse e continuasse estudando. Esses pais

reconhecem a importância da educação para a formação, tanto como profissão, como possibilidade de ter um futuro com melhores condições financeiras — sentido implícito no trecho *garantirem um futuro melhor* — e qualidade de vida, tendo em vista que este é o discurso cristalizado socialmente, muito embora se saiba que isso não funciona como causa e consequência literalmente.

O grupo familiar do professor acredita que não poderá mudar da situação social em que está inserido para outra, isso por causa de poucos estudos que maioria possui e também da situação financeira, então a única esperança, é de os filhos estudarem e vencerem as dificuldades impostas no decorrer do caminho, para mudar a sua própria situação social

A constituição da imagem no sujeito direciona sua maneira de pensar, e, envolve também, conforme Bakhtin (2006) explica, a ideologia que está presente na realidade natural e social, isso acontece porque está intimamente relacionada com uma sociedade. Todavia um produto ideológico reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior, assim no trecho enunciado pelo professor L.D., [...] *todavia, é uma cidade pacata. Boa para quem tem estabilidade, quem é aposentado, enfim [Quest. nº 1]*. Apresenta um discurso, um posicionamento ideológico que as pessoas da localidade têm, inclusive ele, é que quem tem mais possibilidade de permanecer na cidade são aquelas pessoas mais antigas, que possuem aposentadorias, ou os que têm estabilidade no serviço público, no caso o professor, uma vez que as oportunidades de empregos são muito limitadas.

Fiorin (2007) vai afirmar que uma formação ideológica é entendida pela Análise do Discurso como uma maneira de entender a realidade por meio de uma classe, ou grupo no qual o indivíduo está inserido. O autor considera que cada formação ideológica corresponde a uma formação discursiva, mas o que é uma formação discursiva? Ele explica que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma determinada visão de mundo. Esta formação discursiva é constituída no indivíduo ao longo do seu processo de aprendizagem linguística, pois é por meio dessa formação discursiva, que o homem constrói seus discursos, então, estes são mais as formas da reprodução do que da criação. Então, o professor L.D. tem como formação discursiva a figura dos pais como grande esteio que proporcionou a sua vida estável: [...] *incentivado pelos meus pais a continuar estudando [...]. [Quest. nº 2]*. Isto é, as dificuldades enfrentadas pelos pais para que ele tivesse uma qualidade de vida melhor.

Conforme afirma Machado (2016), na compreensão da realidade, há um estoque de imaginários, que estão presente no espaço social por onde o indivíduo perpassa, sendo influenciado por vozes de outros que recebeu desde a infância. Assim, semelhante às outras professoras, o professor L. D. também materializa em sua narrativa de vida este estoque de

imaginários não simplesmente por contar, mas para criar uma história onde ele seja autor e protagonista, sendo que primeiro relata fatos da infância onde os pais trabalhavam em fazendas, como assalariados, serviços árduos e baixa remuneração. Depois, mudaram-se para um assentamento: [...] *Após uns anos meus pais mudaram-se para o Assentamento Caracol, onde vivemos por cerca de 12 anos. [Quest. n° 2].* Tornando-se autônomos, sem remuneração nenhuma, só tinham renda do que conseguiam plantar e vender, ou seja, ele busca na sua memória o quanto a vida foi difícil e passa isso na sua narrativa, valorizando o fato de chegar onde chegou que foi a formação acadêmica de professor.

A professora L.E. busca, também, na memória este estoque de imaginários para criar/narrar sua história visto em: [...] *meu “sonho de criança” era ser enfermeira. Fui morar em CG com minha vó. Mas a realidade do curso era bem diferente dos meus sonhos e fiquei frustrada. Assim, não me adaptei ao curso e a cidade. [Quest. n° 3].* Sabendo que uma pessoa ao contar sua história relembra fatos do passado e cria uma história de si ou de terceiros, como salienta Machado (2016), tem uma intenção, geralmente positiva quando se trata de falar de si próprio. Dessa maneira, a professora compartilha com seu interlocutor, o caminho por onde percorreu e também, que nessa trajetória a situação não aconteceu conforme seus desejos, como que já estivesse predestinado, que nenhuma outra tentativa profissional daria certo, para encaminhá-la ao seu destino, tornar-se uma professora.

Authier (1990) salienta que o discurso é heterogêneo, há no momento de sua produção um interdiscurso e o inconsciente, uma vez que o sujeito enuncia um discurso já dito e o reproduz como um novo, dando significado para uma nova situação comunicativa, sendo assim, no discurso da professora L.F. no trecho: [...] *cursei todas as fases do ensino escolar de forma regular em escola pública. [Quest. n° 2].* Ou seja, há um posicionamento ideológico presente na sociedade referente às prestações de serviços do Estado, ou seja, que nem sempre é referência no quesito qualidade, isso também por que envolve a política, e como na atual situação os políticos são desacreditados, transfere este valor, também, para as escolas, uma vez que para sua existência precisa da administração pública. A professora L.F. retoma este discurso e o traz para significar a sua vida, uma vida de luta e superação e uma delas é conseguir terminar uma graduação mesmo que sua base escolar tenha sido em uma escola pública, pois o que representa é que nem sempre essas instituições de ensino preparam o aluno para o ingresso nas universidades.

Em outro trecho a professora L.F. acrescenta ainda que para vencer na vida ela teve que se sobressair em relação ao que é comum, ou seja, precisou ser uma super aluna: *Meu primeiro contato com a escola eu já era alfabetizada, minha mãe teve esse cuidado, pois eu já*

apresentava interesse acima do normal, e ela teve toda a preocupação e paciência em me alfabetizar em casa antes de eu ir para o ensino regular. [Quest. n° 2]. Podemos pensar, também, em relação ao contexto de vida dos professores de língua portuguesa e dos demais professores — principalmente os que atuam na Educação Básica — no momento atual, somente um super-humano para conseguir quebrar a barreira quase intransponível e mudar de uma classe social para outra.

Entretanto, a professora L.F. mostra a importância da sua família, bem como o esforço que empreenderam para a sua conquista enquanto professora: [...] *meus pais com pouco recurso financeiro sempre foram presentes na vida escolar, nos incentivando a aprender e aproveitar as oportunidades. [Quest. n° 2].* Como não podem/puderam mudar a sua situação financeira, então esperam propor algo de melhor para seus filhos por meio do incentivo aos estudos.

Outra situação difícil, enfrentada por todos os professores participantes da pesquisa, que compreende a luta e a superação para se formar se evidencia no fato de não existirem universidades no município de Bela Vista no período em que os professores cursaram a graduação, visto no trecho da professora L.F. que afirma o seguinte:

Como todo curso universitário é preciso ter em mente as dificuldades que deveriam ser enfrentadas, e eu as enfrentei como bravura, afinal não morávamos na cidade do curso, morávamos em uma cidade vizinha, todos os dias tínhamos que nos deslocar de transporte (ônibus) para o campus universitário, essa trajetória perdurou durante todo os quatro anos do curso. [Quest. n° 3].

Desta maneira, embora as universidades recentes na cidade de Jardim e Ponta Porã atendiam/atendam o público da redondeza, mesmo assim, as dificuldades de deslocamento para quem vive em Bela Vista são grandes, uma vez que é necessário se deslocar bem mais cedo para chegar à instituição, sendo que, na maioria das vezes, saiam/saem do trabalho direto para o ponto de ônibus. Não havia/há tolerância para atrasos, e como era longe já chegavam depois que a aula já tinha iniciado, sendo necessário um esforço maior por parte dos alunos de Bela Vista para acompanhar as explicações. Ao findar das aulas, o trajeto longo e cansativo de volta para casa depois de um dia de trabalho, um período de aula, mais a viagem, chegando em casa por volta da 1(uma) ou 2 (duas) horas da manhã, isso quando não ocorriam problemas mecânicos com o ônibus.

Bakhtin (2006) defende que um enunciado é constituído por outras vozes que se juntam ao seu enunciado, com a finalidade de enfatizar seu humor, ironia, além de seu encantamento no momento que enuncia. Sendo assim, o professor L.G. narra sua história de vida por meio de outros discursos. Ou seja, o dialogismo presente no seu discurso em: *A cidade de Bela Vista é uma cidade que faz fronteira com Bella Vista Norte (Paraguai), são consideradas cidades irmãs [...]. [Quest. nº 1]*. Este discurso só existe porque já existiu outro contexto em que as cidades estiveram em conflitos, na guerra contra o país vizinho, Paraguai. Todavia, com fim do confronto e as demarcações das fronteiras, vivem apaziguadas, então são consideradas irmãs, uma vez que é outro contexto histórico e os motivos que desencadearam o conflito daquela época, hoje são visto a partir de outra percepção.

Também o professor L.G. narra suas histórias de luta: *Mas, com superação e força de vontade terminei o curso de Magistério, sendo habilitado para a Docência [...]. Acredito que a carreira de professor e de ser docente sempre esteve enraizado em minha pessoa. [Quest. nº 2]*. Neste caso, comenta que apesar das dificuldades enfrentadas no decorrer de sua formação, ele percebeu, em relação a essa formação profissional, que nascera para ser professor, conforme ele mesmo diz “que o ser docente sempre esteve enraizado” nele.

Após o estudo e entendimento dos processos de formação dos professores belavistenses, passaremos para o entendimento do discurso acerca dos sentidos de ser professor para chegarmos até as considerações finais.

3.2 Os discursos acerca dos sentidos de ser professor

Conforme afirma Mussalim (2004), a ideologia se manifesta no discurso e se configura como uma percepção que um grupo tem da realidade, sendo que esta percepção se dá por meio da linguagem. Uma formação ideológica é tida como “confronto de forças em um dado momento histórico”, isto deixa claro que, por mais que o indivíduo tenha autonomia em seu pensar, é também direcionado pelo lugar social onde está inserido no momento. E neste contexto que a professora L.A. assume outro discurso, diferente do que ela narrara, ou seja, ela vivera a infância em sítio com seus familiares e se posicionava daquele lugar. Agora ela se posiciona de acordo com o novo grupo no qual está inserida, o dos professores, visto em:

Então ser professor, além de ser uma vocação, é uma luta diária de superação dos velhos conceitos e inovar o ensino a cada momento

para que produzam frutos favoráveis e faça jus à sua prática pedagógica. [Quest. nº 4].

Neste momento, ela retoma os discursos já ditos, que para Orlandi (2005) é o interdiscurso, ou seja, um conjunto de formulações feitas e depois esquecidas, que aparece em nosso discurso como um novo, representa que ao ser enunciado o discurso acaba de surgir, mas que na verdade este discurso já foi dito em outra ocasião. Então, quando a professora L.A. afirma que ser professor é uma “vocação”, este discurso só acontece por que há um embate ideológico já existente entre a classe dos professores, a sociedade e o Estado, e por meio desse embate evidencia-se o discurso segundo o qual o professor tem que gostar da profissão, mesmo sendo mal-remunerado, trabalhando em estruturas físicas que não são adequadas, lutar contra um sistema que não os apóia, daí o uso do termo “vocação”, que soa como uma crítica àqueles que não os valorizam.

Fiorin (2016) salienta que no dialogismo o enunciado surge a partir de outro enunciado já existente, configura uma réplica a um ou vários outros enunciados. Sendo assim, os enunciados estão povoados de outras vozes que se juntam a ele para significar em uma determinada situação de comunicação. Dessa forma, em uma narrativa de vida, conforme afirma Machado (2016), o sujeito que conta sua história vivida, também recorre a histórias contadas a ele, e, ainda mais, recorre a outras vozes já ditas para significar, e essas outras vozes presentes nos discursos dos professores têm por finalidade significar suas histórias de luta e superação, como no enunciado da professora L.A. visto em: *Tudo que aprendemos no Curso de Graduação não nos prepara para os desafios de uma sala de aula, lidar com as diversidades e com a precariedade do ensino público. [Quest. nº 4].* Este discurso surge por aqueles que frequentam uma academia, sendo que no curso de letras há muitos debates sobre as diversas possibilidades de melhorar a forma de ensinar, deixando de lado, assim, o ensino tradicional — aquele que considera o aluno como um ser passivo que apenas recebe informações, uma caixa vazia a ser depositada, uma tábula rasa já dizia Locke.

Outros discursos são: “[...] *desafios de uma sala*”, “*lidar com as diversidades [...]*,” discurso presente no contexto do cotidiano da professora, uma vez que Bela Vista é uma cidade de fronteira, portanto, não há apenas uma diversidade de gênero, mais também uma diversidade linguística, há o uso de três línguas: (português, espanhol e guarani), e uma diversidade cultural que os professores de língua portuguesa precisam saber trabalhar com estes desafios, de modo a trazer este público para escola. Também, como já foi mencionado:

“[...] a precariedade do ensino público”, que o ensino é esquecido pela administração pública, ficando mais difícil de exercer a profissão.

No entanto, mesmo frente às inúmeras dificuldades para exercer a profissão, o profissional da educação está firme no seu propósito que é lecionar. Esta “vocação” representa até certo ponto uma estabilidade para a professora L.A., ou seja, poderia interpretar da seguinte maneira: ora, eu lutei tanto para conseguir ser professora, da área rural às dificuldades de cursar um ensino superior, assim, mesmo eu repetindo que os outros falam que a profissão é desgastante, mas eu conquistei este espaço, é meu por direito, é uma vitória minha. O trecho a seguir reforça a ideia de que a professora L. A. teve muitas dificuldades para conquistar sua profissão:

[...] senti na pele essa dificuldade, saí da graduação sem um emprego na área da educação, fiz concurso para área administrativa, somente após cinco anos, pude ser aprovada no curso da qual eu tinha me graduado. [Quest. nº 3].

Assim, no discurso da professora L.A. é possível identificar uma percepção que ela tem da realidade, sendo que a sua identidade se constrói por meio de lutas e superações. Então, ter “vocação” não é apenas enfrentar as dificuldades diárias da profissão, mas também superar as dificuldades enfrentadas até chegar à profissão.

[...] a graduação foi um meio para que exatamente, não fosse necessário sair daqui, embora tenha demorado um pouquinho a "me encaixar", valeu a pena, muitas pessoas que saem em busca de outras ocupações, é por não viram oportunidades ou simplesmente porque realmente queriam buscar "outros ares", ou escolheram alguma profissão que não tenha um mercado promissor onde vive, e são obrigados a sair em busca de oportunidades para que ascendam socialmente. [Quest. nº 7].

De acordo com Fiorin (2016), um enunciado é sempre uma réplica de um diálogo, uma vez que ao produzir um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros enunciados. “Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante”

(FIORIN, 2016, p. 24 – 25). Dessa perspectiva, observamos os valores ideológicos presentes nos enunciados da professora L.A., primeiro ao usar a palavra: “*a graduação [...]*” que é uma palavra que não significa apenas o término de um curso, não. Vai muito além, significa uma saída, uma possibilidade, uma parede quase intransponível, que com muita luta e superação ela conseguiu quebrar e avançar, uma vez que não há muitas possibilidades de empregos, e também não há investimento por parte da administração pública, em propor caminhos para que as pessoas possam se identificar com o que realmente querem escolher como profissão, e não ficando apenas, com o emprego que tem disponível. Então para a professora: “*valeu a pena [...]*”, sendo que por mais que o lugar social no qual a professora está inserida não lhe proporciona condições de escolha, ela consegue superar as adversidades e se tornar uma professora.

Sabendo que um enunciado é réplica a outro (os), Orlandi (2005) vai denominar como interdiscurso aquilo que fala antes, em outro lugar, e é denominado pela memória discursiva: como se fosse uma biblioteca de dizeres disponíveis na memória, e assim que precisamos os resgatamos como se fosse nossa em uma nova situação comunicativa. Com base nesta informação que o dizer da professora L.B. presente no trecho: *Minha relação com os meus alunos é ótima, talvez porque desenvolvi uma estratégia jovem digamos, eles gostam de novidades, aulas dinâmicas e isso causa uma maior proximidade do professor. [Quest. nº 5].* É um discurso já dito por diversos movimentos de renovação da educação, ou seja, como a professora já tenha estudado sobre o Ensino Tradicional, e outras formas de ensino durante a graduação, que não motivam os alunos, ela resgata este dizer e o remodela, afirmando que trabalha com os alunos uma “*estratégia jovem [...]*”, “*eles gostam de novidades [...]*”, ou seja, constrói um enunciado discursivo “já dito” e o materializa de forma diferente para reforçar a importância e sua contribuição para a educação do município.

Sendo assim, conforme Carvalho (2016), o sujeito produz sua história, sendo autor e protagonista dessa história. Então a professora L.B. ao afirmar que desenvolveu uma estratégia jovem de trabalhar com os alunos, que a relação com eles é ótima, tem por finalidade compartilhar com o interlocutor que é uma boa profissional, venceu as barreiras para chegar à tão sonhada formação acadêmica e atualmente, apesar das adversidades, dá seu melhor enquanto profissional da educação.

Evidenciamos também o posicionamento ideológico que a professora L.B. tem sobre a sua classe social de origem, lembrando que ideologia, conforme Fiorin (2007) é todo conhecimento correlacionado com os interesses sociais, ou seja, a ideologia pode até certo ponto ser uma visão de mundo que um grupo social tem da realidade, a forma como uma

classe justifica e explica a ordem social, então a professora ao enunciar: [...] *sempre estou lembrando a importância do estudo pra ascensão profissional. [Quest. nº 5]*. Ressalta que a classe menos favorecida economicamente precisa estudar não só para ter uma ocupação, uma profissão, mas também para que possa melhorar sua vida economicamente. Também a professora L.B. tem uma imagem de si que é compreendida de acordo com o que afirma Cardoso (1999), de que as formações imaginárias são os lugares, imagens, que os sujeitos atribuem a si mesmos, aos outros e também do que será dito. Então a professora ao dizer: *Acredito que tive um pouco de sorte. [Quest. nº 7]*. Assemelha-se ao posicionamento que a professora L.A. tem de si, ao usar o enunciado: “*vocação*”, que corresponde ao enunciado: “*sorte*”, isto é, somente alguém predestinado, que tenha muita garra, para vencer as lutas da vida e se tornar uma excelente professora.

O professor L.D. também se manifesta ideologicamente sobre a importância de estudar não apenas para fazer o que gosta, mas também para melhorar, ter uma qualidade de vida melhor, o que está diretamente ligado aos seus processos de formações, pois, como são advindos de famílias humildes, sendo assim um dos papéis que cabe a eles enquanto ser professor é o de proporcionar que outras pessoas iguais a eles consigam a ascensão social, visto no seguinte trecho:

Nas minhas aulas sempre friso aos alunos que o estudo é algo libertador, a chave que abre portas para novas oportunidades, a chave que liberta você de um emprego ruim, de uma situação de conformismo. É importante deixar isto bem claro para eles, muito porque nossa cidade não é um exemplo de lugar para se ascender profissionalmente. [Quest. nº 5].

Desta forma, o professor L.D. se posiciona não só, semelhante, a classe dos professores em que está inserido agora, representa também a classe das pessoas menos favorecidas economicamente, então, a única possibilidade dessas pessoas mudarem de posição social é por meio do estudo, e, é possível ver isso no discurso do professor em: “[...] *o estudo é algo libertador*”, ou seja, liberta da vida sofrida, de dificuldades por causa da situação financeira. Também em: “[...] *abre portas para novas oportunidades*”, e, “[...] *nossa cidade não é um exemplo de lugar para se ascender profissionalmente*”, isto é, o professor se posiciona ideologicamente que por meio do estudo encontram-se novos

caminhos, mas nem sempre esses caminhos se constituem na própria Bela Vista, uma vez que as oportunidades de empregos são muito limitadas.

A professora L.C. também afirma que embora seja uma cidade muito boa para se viver, não oferece muitas oportunidades de trabalho: *Quem deseja uma ‘carreira de sucesso’ não quer permanecer em Bela Vista. [Quest. nº 6]*. Então, aqueles que têm mais condições de mudar de cidade poderão se encontrar melhor profissionalmente, e aqueles que não possuem essas condições financeiras terão que aceitar a oportunidade de trabalho que tiver disponível no momento.

Ainda o professor L. D. afirma que: *Ser professor é ter uma Profissão de fé. [Quest. nº 4]*, ou seja, seu discurso é atravessado por outro discurso, o religioso. Segundo Fiorin (2016) para se construir um discurso leva-se em conta discursos de outros que estão presentes no seu, sendo assim, a junção da profissão com a fé representa para ele, bem como para algumas pessoas que têm a mesma visão ideológica, ser professor é ter poderes quase sobrenaturais para exercer a profissão, algo divino, abençoado, que veio para ensinar: predestinado.

Também é uma forma motivacional, de onde o professor L.D. adquire suas forças para enfrentar as diversas barreiras, tais como além da precariedade do ensino, o desinteresse de alguns alunos, visto no seguinte trecho:

[...] ser professor, no Brasil, é ser aquele indivíduo que levanta e cai, segue às vezes por caminhos pedregosos, caminhos cheios de burocracia, falta de respeito de alguns jovens, cobrança por índices, metas e mais metas, ser professor é abdicar de seus momentos de lazer, seu, e de sua família. [Quest. nº. 4].

Ele traz um discurso carregado de outros discursos, para enfatizar o seu heroísmo enquanto professor, pois “[...] o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes”. (FIORIN, 2016, p 24- 25). Sendo assim, o professor L.D. ao enunciar constrói um discurso por meio de várias vozes que lhe proporcionaram uma grande bagagem de informação como nas frases: “*é ser aquele indivíduo que levanta e cai*”, é uma história de superação, de uma pessoa que sofreu grandes perdas e conseguiu se reerguer. “*Caminhos pedregosos*”, que remete ao poema “No Meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade. E também se reporta à Constituição Federal, dos

Direitos Sociais, art 6º, quando fala: “*que ser professor é abdicar de seus momentos de lazer, seu, e de sua família*”, pois, na constituição é assegurado ao cidadão o direito do lazer.

Este discurso do outro evidencia o que Bakhtin (2006) explicita como fundamental na constituição do enunciado, em que há sempre a presença de outras voz(es) que fazem com que o momento da enunciação seja significativo e um deles é o discurso indireto, que tem por característica não afirmar, transpassar as emoções e os afetos do discurso, pois se junta ao discurso como forma de enunciação, isto é, o interlocutor se utiliza de uma fala alheia e transmite esta fala sem, é claro, transmitir as emoções do enunciado alheio, mas sim o seu, sendo assim o professor L.D., enunciou, juntou de forma indireta as vozes de outros discursos ao seu para afirmar as barreiras enfrentadas pelo ser professor.

Juntamente com o professor L.D., a professora L.F. apresenta no enunciado a construção do seu discurso por intermédio de outro discurso: *Como dizem alguns contemporâneos, professor não é profissão é missão [...] [Quest. nº 4]*, ou seja, se reporta ao um discurso dito na classe dos militares, pois estes quando têm uma missão, não podem falhar, ou seja, a missão tem que sempre ser finalizada com sucesso, não se admite erro, pois o erro pode lhes custar à vida, igualmente o professor não pode falhar na sua missão que é educar.

O professor L.D. reforça seu posicionamento ideológico contra o sistema de ensino, contra o Estado, uma vez que para exercer a profissão realmente tem que nascer para tal função: *Mas tem alguma coisa que nos faz seguir em frente, e não é somente o dinheiro que nos mantém, mas aqueles alunos bons, educados, aquela aula que rende bons debates e risos [...] [Quest. nº 4]*. Veja que o professor apesar das adversidades se sente motivado com sua profissão, apesar da remuneração não ser uma das melhores, isso se evidencia no seguinte enunciado: “[...] *aquela aula que rende bons debates e risos*”— quanto para a professora L.A., que em seu enunciado se refere ao fato de saírem da área rural que é um lugar em que se ganha menos que um educador. Também a professora L.B., quando afirma que teve que trabalhar na infância por causa da perda do pai, a professora L.C. criada por avós e as professoras L.E e L.F que demonstraram nas narrativas, as grandes dificuldades, enquanto pessoas que buscaram alternativas profissionais. Então ser um professor é uma grande conquista, ou seja, mesmo que não sejam bem-remunerados, já é um avanço, pois poderiam ter vindo de trabalhos mais desgastantes, até humilhantes, pois a luta não para e a luta por melhores condições de trabalho é compensadora.

Desta forma, para os professores entrevistados em Bela Vista a remuneração é bastante gratificante, uma vez que antes da formação recebiam bem menos. Isto é, embora os

professores de maneira geral não sejam bem remunerados de acordo com suas atribuições, pois é o profissional que anda contra o vento, trabalha com alunos desmotivados, levam trabalhos para casa, passa às vezes os finais de semana corrigindo provas, não possui os materiais e infraestruturas necessário para um bom trabalho, mesmo assim, para os professores de língua portuguesa participantes da pesquisa é uma profissão que dá bons frutos para que tenham uma melhor qualidade de vida. E deixa nas entrelinhas, que no seu contexto local, para vencer na vida, mudar de uma situação social para outra, precisa ser uma pessoa de muita força e perseverança, pois terá uma ajuda bem reduzida do poder público

Assim como também a professora L.C. apresenta este discurso acerca de sua profissão:

Me sinto feliz em Bela Vista, não tenho estabilidade, não sou concursada, mas desde que me formei trabalho como professora, já conquistei minha casa própria com o fruto do meu trabalho e ajuda do meu esposo.[Quest. nº 2].

Ao saber que muitos professores, com relação à ideologia, lutam por melhores condições de trabalho, evidenciamos que com os professores bela-vistenses, participantes desta pesquisa, não é diferente, todavia trazem consigo uma história de luta e superação, então a conquista da profissão já supera expectativas. Provam também que — em um lugar em que tudo parecia difícil na construção de sua história de vida, incluindo a profissão — conseguir vencer sozinho traz bons frutos que antes não se imaginava possuir, como visto no discurso da professora L.C., em que se pode evidenciar que por meio da profissão está realizando seus sonhos e um dele é o da casa própria e que, por mais que ainda não seja concursada, há emprego para ela na cidade.

Destarte, a ideologia, no dizer de Mussalim (2004), manifesta no discurso a percepção de mundo de um grupo por meio da linguagem. Uma formação ideológica se configura como um “confronto de forças” em um dado acontecimento histórico, isso explica que meu pensar é direcionado pelo lugar onde estou inserido e também pelo lugar que me constituiu na formação enquanto ser. Por isso, que os professores bela-vistenses participantes da pesquisa, se posicionam não só de acordo com a classe a que pertencem, mas também a classe de sua origem: dos agricultores, da família de baixa renda.

Isso pode ser visto na narrativa de cada um deles, como no discurso da professora L. E., em que há também um posicionamento ideológico positivo referente à sua profissão, ou seja, para mudar de uma classe menos favorecida economicamente para uma classe de

professor há satisfação tanto para ela quanto para seus pais, visto em: *Gosto muito da minha profissão. Pessoalmente é uma satisfação, uma vez que meus pais não possuem formação acadêmica e formar a filha foi uma vitória de vida. [Quest. nº. 4].* Assim, semelhante à professora L.E., a professora L.F. enfatiza a importância dos estudos como a única herança que os pais podem deixar aos filhos: *[...] embora meus pais com pouco recurso financeiro sempre foram presentes na vida escolar, nos incentivando a aprender e aproveitar as oportunidades. [Quest. nº 2].* Este é um discurso ideológico vindo da classe de menos expressividade econômica, pois há uma percepção de mundo que se eles não podem mudar a si mesmo de uma classe podem mudar seus filhos por meio do incentivo aos estudos.

Ainda considerando a ideologia, segundo afirma Mussalim (2004), o meu pensar é direcionado pelo lugar social onde estou inserido, desta forma o professor L.G. retoma no seu discurso, de maneira indireta, a ideologia que os alunos têm de si e socialmente em relação a estudar ou não. O discurso indireto, conforme Bakhtin (2006) é perceptível pelo uso das aspas, tornando-se impactantes aos ouvidos do leitor. Todavia este impacto é guiado conforme os interesses do autor, que às vezes quer fazer ironia, se afastar do que está sendo dito, isto é, o sujeito enuncia, mas se exime da responsabilidade pelo que disse. Neste caso o professor L.G. comenta sobre a visão de mundo que grande parte dos jovens têm do seu contexto local, visto em:

[...]. Mas, também se observa uma descrença num discurso do “para quê adianta estudar?” se não conseguiremos um trabalho digno ou espaço no mercado de trabalho, cada vez mais exigente e sujeito às influências das indicações políticas ou de terceiros. Essa interação se dá na forma de transmitir ao aluno, residente em Bela Vista, a preocupação quanto ao futuro deles próprio e de suas famílias, e de que possivelmente permaneçam em sua cidade, desenvolvendo seu trabalho em determinada área. [Quest. nº 6].

Desta forma, o professor reproduz de maneira indireta a ideologia que esses jovens têm de si e da cidade, como referido acima, ao falar “*para quê adianta estudar?*”, sinalizando o reflexo do local que não oferece muitas alternativas aos jovens, e como muitos desses jovens não têm condições financeiras para se deslocar para outra localidade, se desmotivam em relação aos estudos.

De outra perspectiva, da vocação à conquista da profissão os professores revelam a dificuldade de dar aula utilizando a tecnologia, ou seja, o posicionamento ideológico que têm sobre essa tecnologia. Segundo Bakhtin (2006), um produto ideológico reflete e refrata uma outra realidade, assim, tudo que é ideológico possui um significado e também remete a outro significado fora de si. Assim para a professora L.A., a tecnologia e modernização que a princípio é boa para a sociedade, para ela se reflete como algo negativo quando mal-usada como em:

Com o advento das Faculdades de Ensino à Distância e a entrada mais acessível, acarretou a despreocupação acerca de concorrência pelas vagas nos cursos em Instituições Públicas [...] [...] outra grande preocupação são as Redes Sociais, onde os alunos desaprendem a língua portuguesa e acham que é perda de tempo escrever corretamente. [Quest. n° 5].

Na mesma direção a professora L.B. se posiciona afirmando: *Ser professora hoje é um grande desafio, digo isto porque os alunos estão cada vez mais indisciplinados e desinteressados [Quest. n° 4],* inferindo um posicionamento ideológico negativo em relação à tecnologia com a educação, em que talvez por causa da tecnologia os alunos sejam “indisciplinados” e “desinteressados”.

O professor L.D., também apresenta esta percepção ideológica de que as tecnologias mal-usadas atrapalham o desenvolvimento intelectual dos alunos:

Muitos ouvem orientações, mas na prática, na hora de estudar, os estímulos das redes sociais, dos jogos de futebol, das rodas de tereré, e mais recentemente as tabacarias da vida parecem ter mais relevância para eles do que o livro didático. [Quest. n° 5°].

De acordo com a posição de Fiorin (2007) apresentada no capítulo II cada formação ideológica corresponde a uma formação discursiva e, assim, é por meio desta que o homem constrói seus discursos e reage linguisticamente aos acontecimentos. Dessa perspectiva, os professores de Bela Vista reagem aos acontecimentos da modernização, uma vez que o que é moderno fisicamente para uma cidade pequena pode ser positivo, como por exemplo, uma implantação de uma indústria, que geraria mais empregos. No entanto, uma modernização em relação às coisas midiáticas, as redes sociais etc., podem não ser boas, ainda mais que há um

desestímulo em prosseguir os estudos, primeiro por que não há possibilidades de escolha da profissão e em segundo lugar por que não há mercado de trabalho o suficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma dissertação não surge do nada, como um passe de mágica, pelo contrário é semelhante a uma planta que quando semeada precisa dos cuidados necessários para que possa nascer e dar bons frutos. Observo isso porque tanto eu quanto os professores colaboradores desta pesquisa somos Bela-Vistenses de naturalidade, e embora a cidade já ultrapasse mais de um século de existência, há poucos autores que apresentam à sociedade de maneira geral a importância cultural dessa cidade. Sendo que alguns autores escrevem/escreveram sobre a cidade e sua cultura por meio de uma concepção histórica e literária como os citados nas referências bibliográficas.

Assim, acreditamos ser possível que nossa maneira de contribuir venha a somar com os autores que já falaram sobre a cidade de Bela Vista, além do que, escolhemos trabalhar com análise discursiva de um profissional muito importante para a formação de diversas outras profissões, que é o professor. Para isto partimos de uma linha de pesquisa que ao ser usada como base metodológica revela/desvela fatos que contribuem positivamente para uma sociedade. Estamos falando da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), da Análise Dialógica do Discurso (ADD) que tem por objeto de estudo o discurso e o enunciado.

Assim, nesta pesquisa temos como objeto de estudo as narrativas de vida dos professores de língua portuguesa e para desenvolver a análise partimos da seguinte indagação: o que os discursos dos professores revelam sobre os seus processos de formação e os sentidos de ser professor? Assim, buscamos com esta indagação compreender como se revelam os processos de formação dos professores de língua portuguesa, bem como a construção do sentido de ser professor, buscados nos fios do discurso desses professores por meio de suas narrativas de vida. Ou seja, com a narrativa de vida dos professores objetivamos: a) analisar o que revelam os discursos dos professores de língua portuguesa sobre os processos de sua formação, enquanto sujeitos que se constituem dialogicamente. b) identificar nas narrativas de vida os sentidos de ser professor vividos pelos professores de língua portuguesa em sua carreira.

Para caminharmos rumo a esses objetivos, trouxemos ao leitor os pressupostos teóricos que fundamentaram o trabalho, sendo abordagens que foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa em si como a definição de discurso, as condições de produção discursivas, o jogo de imagem que os sujeitos estabelecem em uma dada interação, bem como o interdiscurso que é a existência de um discurso por intermédio de outras já existentes, que

uma vez esquecidos são reditos, assumindo assim um novo dizer, podendo também assumir outra significação dependendo do contexto em que se materializam.

Também abordamos o conceito de ideologia, que compreende os posicionamentos sociais em que o indivíduo está inserido e passa a manifestar linguisticamente semelhante ao meio social a que pertence. No decorrer da fundamentação teórica, apresentamos a definição sobre o dialogismo, ou seja, o discurso é repleto de outras vozes que nele habitam. E como sempre nos expressamos por meio de gêneros discursivos, discorreremos sobre o gênero narrativa de vida que é o gênero objeto desta pesquisa. Todos esses conceitos e categorias serviram como alicerce para respondermos a nossa indagação.

Desta maneira, conforme Orlandi (2005), a linguagem é um mecanismo de mediação entre o homem e a realidade natural e o social, e ainda mais o uso da linguagem, que é o discurso faz com que o homem mude a realidade onde vive, pois a relação do sujeito com a linguagem é múltipla e os efeitos variados. Isto se assemelha de certa forma, com o que Carvalho (2016) afirma sobre uma narrativa de vida, que o sujeito produz história, no entanto este sujeito é autor e protagonista de sua história, mas como ele faz isto? Usando mecanismo linguístico que mais lhe satisfaça.

Então, os professores se utilizam de um discurso em sua narrativa de vida de modo a convencer o seu interlocutor sobre suas dificuldades e superações. Os professores são autores e protagonistas de sua história. Sabendo disso, acrescento que não contaram sobre as suas vidas na narrativa só para se saírem bem na entrevista, pois sabemos que nas cidades interioranas as dificuldades de se colocar no mercado de trabalho é muito grande, por mais que Bela Vista apresente uma diversidade cultural riquíssima, sendo uma cidade de fronteira com o país vizinho Paraguai, com a junção também de outras culturas por meio da imigração, a cidade tem muitos problemas de infraestrutura/economia que afetam diretamente as pessoas da localidade.

Embora as pessoas com mais história de vida na cidade consigam sobreviver com o pouco que tiram da agricultura e ou com empregos nas fazendas da redondeza, seus filhos se encontram em uma geração mais modernizada e querem/desejam fazer e ter outras profissões diferentes das de seus pais, mas como conseguir uma outra profissão em uma cidade em que os meios de gerar emprego são apenas a agropecuária e o comércio?

Um pequeno grupo de profissionais quebra este ciclo de seguir a profissão dos pais e/ou de fazer o que tem disponível, os professores de língua portuguesa. Eles revelam que seus processos de formação foram de luta e superação, uma devido à situação financeira, não ter condições de pagar um curso e se tivesse condições para pagar a cidade não ofertaria

nenhum curso, embora hoje tenha a possibilidade de se cursar uma faculdade à distância em Bela Vista. Afinal, atualmente há algumas instituições que caminham a passos lentos na oferta de cursos de licenciatura, todavia no período dos anos de 2005 a 2010 — que são os respectivos anos que os professores colaboradores com a pesquisa iniciaram e terminaram a graduação — não havia instituição de ensino superior na cidade.

Esta luta e superação da formação dos professores se refletem diretamente na sua profissão, ou seja, no sentido de ser professor, que, por mais que talvez não fosse a graduação que desejasse no início, mas ao se graduarem e exercerem a profissão se identificaram com ela. Os professores são motivos de orgulho para seus familiares, pois quebraram a linha contínua de geração a geração de pessoas que têm pouco estudo e por isso têm que trabalhar no campo, que, como eles mesmos dizem é um trabalho árduo de sol a sol e tem de aguentar humilhação do patrão para sobreviver.

Então, o professor de Bela Vista venceu esta barreira e apesar das dificuldades conseguiu se formar. Assim, eles se manifestam ideologicamente semelhante à classe dos professores de uma maneira geral, mas com uma história de luta e superação para chegar à graduação. Desta forma, nem todos que buscaram uma formação acadêmica, por exemplo, os que vivem nos grandes centros, passam/passaram por estas dificuldades de vida, do mercado de trabalho, do acesso a graduação. No entanto não estamos negando que existam tais empecilhos nos grandes centros, o que podemos evidenciar é que talvez não exijam tanto esforço de uma pessoa.

O que pudemos evidenciar com a pesquisa foi que para os professores participantes a trajetória foi bastante árdua, diga-se de passagem, por isso a conquista da profissão para eles é uma vitória, sabem que há muita luta pela frente em busca de melhores condições de trabalho, mas sabem também que a conquista em poder graduar-se como professor, proporciona-lhes bons frutos, uma vez que na sua trajetória, da área rural aos empregos no comércio da cidade, o salário era muito inferior ao que ganham agora, sendo assim, com o salário de professor eles conseguem ter uma vida mais tranquila em Bela Vista.

Na suas narrativas de vida, os professores revelam que sua luta é contínua desde a infância à escolha da profissão e, ao exercerem essa profissão, usam os termos; “vocação”, “missão de fé”, “professor não é profissão é missão”, ou seja, é possível que utilizem esses termos para dizer que são realmente preparados para esta profissão, que já estão acostumados com as dificuldades da vida. Nada foi fácil para eles, tiveram que batalhar duro para chegar a essa conquista e que não irão fugir com os obstáculos que surgirem no decorrer da vida profissional que escolheram e/ou tiveram a oportunidade de cursar e atuar.

Também evidenciamos nas narrativas dos professores que nem sempre a modernidade é boa, pois, em cidades pequenas se houvesse indústrias, fábricas, geraria mais empregos, mas isso dificilmente acontece por causa de gestões públicas. Todavia quando se moderniza o campo, com a tecnologia, em que uma pessoa manuseia uma máquina e faz um serviço que antes precisava de mais de uma pessoa acaba contribuindo para o desemprego, principalmente nas cidades do interior que não têm muitas opções de emprego.

Finalizamos afirmando que foi uma experiência ímpar trabalhar com os professores de língua portuguesa de Bela Vista, pois eles têm muito a contribuir com enriquecimento cultural em relação à educação e ao desenvolvimento da cidade. E assim, esperamos com este trabalho seja o motor de partida para muitos outros trabalhos tanto nas áreas da AD e ADD quanto em outras áreas, para que venha a somar positivamente na busca de levar ao leitor a importância histórica e cultural de Bela Vista - MS.

Referências

- ARAÚJO, Motta. **A história da Companhia Matte Laranjeira**. 2014. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/a-historia-da-companhia-matte-laranjeira> acesso em agosto de 2018.
- BAKHTIN, MIKHAIL. (VOLOCHINOV, V.N). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. Ed — São Paulo: Hucitex,. 2006.
- _____. **Estética da criação verbal** / 2º cd. —São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior).
- _____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de do russo por Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov — 4º ed. — São Paulo: Martins Fontes, 2003. — (Coleção biblioteca universal).
- CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- CARVALHO & BUENO: As línguas em contato numa escola pública de Bela Vista-MS: Fronteira Brasil Paraguai. In: **Web revista SOCIODIALETO: Bach.,Linc.,Mestrado LetrasUEMS/CampoGrande**, v.3,nº9,mar.2013.Disponívelem:sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013113347.pdf. Acesso em agosto de 2018.
- COSTA & GONÇALVES. Histórias de vidas: A vez e a Voz dos professores. In: **Revista Margens Interdisciplinar**, V. 7, n. 8 (2013). Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2751/2877> . Acesso em junho de 2019.
- MACHADO, Ida Lucia. A Narrativa de Vida como Materialidade Discursiva. In: © **Revista da ABRALIN**, v.14, n.2, p. 95-108, jul./dez. 2015. Disponível em:<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557>. Acesso em janeiro de 2018.
- MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. In: MACHADO & MELO. **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso [recurso eletrônico]** / Ida Lucia Machado, Mônica Santos de Souza Melo (Orgs.) – Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016.
- CARVALHO, Aline Torres Souza: Relações teórico-metodológicas entre a AD e a narrativa de vida. In: MACHADO & MELO. **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso [recurso eletrônico]** / Ida Lucia Machado, Mônica Santos de Souza Melo (Orgs.) – Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas-SP, Pontes, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Criar edições. 2.ed. Curitiba – PR, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar Alvez. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____ **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

_____ **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

IBANHES, Brígido. **Chão do Apa: contos e memórias da fronteira**. Dourados MS, 2010.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 19. Campinas, jul-dez. 1990, p. 25-42.

LEITE, Sydney Nunes: **Bela Vista – uma viagem ao passado**. Impressão e acabamento: Gráfica Progresso; 2001.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (orgs.) 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez: 2001.

_____ **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas – SP: Unicamp, 1997.

PONZIO, Augusto. **No círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

A N E X O S

Entrevista com os professores de Bela Vista — MS

Professora L.A. da Escola Estadual em Bela Vista – MS

1. Comente de maneira espontânea sobre a cidade de Bela Vista.

A cidade de Bela Vista é uma cidadezinha aconchegante e hospitaleira como qualquer outra do interior, há muitos lugares que poderiam ser considerados recantos naturais como rios, córregos, mananciais, pequenas cachoeiras, mas que são pouco explorados. O turismo não é muito desenvolvido na região. O setor agropecuário gira em torno das propriedades rurais de médio e grande porte, enquanto o setor da agricultura fica com as pequenas propriedades familiares, contribuído pelo números de assentamentos rurais existentes. Não muito tempo investiu-se no desenvolvimento da extração de calcário pelas empresas locais, isso causa um imenso fluxo de caminhões em determinados locais da cidade. Os empregos urbanos giram em torno da Prefeitura, Quartel e Comerciantes de diversos ramos. Apesar de todos os problemas e defasagens administrativos na infraestrutura do município, a cidade vem crescendo em passos lentos, muitas pessoas vão embora para outras localidades, alegando que teriam mais oportunidades e tal. Preferem cidades mais desenvolvidas e agitadas como os grandes centros até mesmo em outros Estados da Federação. Bela Vista é ótima para quem quer uma vida tranquila, sem muitas badalações, onde todos conhecem praticamente todos, embora seja uma cidade fronteira, os problemas de segurança pública resumem-se em pequenos delitos, muitas pessoas voltam a morar aqui depois de algum tempo, outras só vêm para visitar os parentes e assim segue a vida nesta pacata cidade interiorana.

2. Fale sobre a sua vida aqui em Bela Vista, MS desde a infância até o momento presente dando ênfase a pontos que julgar mais importante?

A minha infância foi num sítio, em que eu estudava numa escola rural e tinha que ir de ônibus. Depois na adolescência, já morando na cidade, o maior sonho no Ensino Médio era fazer uma faculdade com um Curso Universitário excelente e promissor, único empecilho: só havia faculdades em outras cidades ou na capital. Os cursos EADs ainda não tinham sido implantados aqui, então, quem quisesse fazer algum curso teria que se deslocar para outra cidade ou mudar-se onde havia. Em uma família tradicional e com outros filhos, isso era quase impossível, já que a maioria das famílias sobrevivem com recursos resultado do fruto de seu próprio trabalho. Já na idade adulta fiz concurso público para a área da educação e é onde estou atualmente.

3. Discorra sobre sua formação: Onde estudou? Por que cursou Letras? Houve dificuldades para cursar a graduação? Que ano concluiu? Possui pós-graduação?

Minha graduação foi em Jardim - MS, a escolha pelo curso de Letras foi a considerada mais viável e interessante, por questões familiares e por questões de localidade (mais perto). A dificuldade de todos que têm de se deslocar para outra cidade para cursar um

Faculdade seria basicamente a distância e os eventuais perigos que poderiam ocorrer no trajeto. A minha graduação de 4 anos (2006-2010), foi muito gratificante e com ele aprendi muitas coisas que no ensino regular ficaram um pouco desfasados, a dificuldade que muitos estudantes do Ensino Médio terão ao entrar em uma faculdade serão a exposição oral (terríveis seminários), horários, responsabilidades e prazos. Muitos acabam desistindo do curso, uns por não "darem conta", outros por que se desiludem de imediato da futura profissão, outros até migram para outras áreas que julgam serem mais interessantes, são muitas as dificuldades a serem enfrentadas por um acadêmico, ainda há os que concluem a graduação, mas não exercem a profissão para a qual estudou. Digo isto, pois senti na pele essa dificuldade, saí da graduação sem um emprego na área da educação, fiz concurso para área administrativa, somente após cinco anos, pude ser aprovada no curso da qual eu tinha me graduado. Comecei a graduação em 2006, coleei grau em 2010 e somente em 2015 assumi o cargo de professora através de concurso público. Atualmente tenho pós-graduação em Educação Especial pela mesma instituição em que graduei, a UEMS, além de lecionar Língua Portuguesa em uma escola estadual, atuo também na área de Educação Especial como complementação de aula e comecei também a fazer um Curso de Libras, nível básico a intermediário com duração de 6 meses (06/2018 a 12/2018)

4. Numa perspectiva de satisfação pessoal em que inclui os anseios sociais de realização, que significa ser professor para o senhor (a)?

Ser professor, hoje em dia, está cada vez mais desafiador, pois o público a que atendemos nas escolas estão evoluindo de tal forma que os ensinamentos tradicionais já são obsoletos e ultrapassados e exigem do profissional mudar seu conceito de ensino para acompanhar a era tecnológica e da informática. Tudo que aprendemos no Curso de Graduação não nos prepara para os desafios de uma sala de aula, lidar com as diversidades e com a precariedade do ensino público. Essa perspectiva pela busca do ensino que desperte o interesse dos alunos pelo conhecimento, leva muitos profissionais a buscarem alternativas como concursos públicos que exijam do candidato apenas graduação em ensino superior. Por isso, no meio educacional, ouve-se muito a máxima, quase shakespereana: "Ser professor é vocação", realmente, concordo com essa frase que ecoa pelos quatro ventos e pelos corredores de escolas, em que alunos não vão para escola querer aprender, mas devem ser conquistados, convencidos e estimulados a querer aprender. Então ser professor, além de ser uma vocação, é uma luta diária de superação dos velhos conceitos e inovar o ensino a cada momento para que produzam frutos favoráveis e faça jus à sua prática pedagógica.

5. Como é constituída a interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade aonde vivem, a importância dos estudos para uma ascensão profissional e como isso acontece em Bela Vista?

6. Essa interação possibilita-lhes compreender e constatar o posicionamento discursivo dos alunos em relação à busca da formação profissional e a permanência na cidade depois de formados?

Questões 5 e 6

Temos uma grande mistificação acerca da disciplina da Língua Portuguesa: Dizem que é MUITO DIFÍCIL, abre-se assim uma barreira quase intransponível entre o aluno e o ensino de português na escola, muitos alunos preferem as disciplinas de exatas por terem um material de aprendizagem mais concreto, como experiências e formas. Com o advento das Faculdades de Ensino à Distância e a entrada mais acessível, acarretou a despreocupação acerca de concorrência pelas vagas nos cursos em Instituições Públicas, é pouquíssima a porcentagem de alunos que saem de uma escola pública para tentar uma vaga num curso concorridíssimo em Medicina, Direito ou Engenharia, por exemplo, em Universidades Públicas, muitos recorrem as Faculdades Particulares, até porque têm uma visão de que pagar para entrar torna o curso mais fácil, sem muito esforço. Vimos na sala de aula pouca melhora na área de Interpretação, Ortografia e Produção textual, outra grande preocupação são as Redes Sociais, onde os alunos desaprendem a língua portuguesa e acham que é perda de tempo escrever corretamente, já que pode-se abreviar tudo, pois torna a comunicação mais rápida e igualmente são compreendidos. Muitos alunos já não veem na graduação uma opção de ascensão social, porque há no mercado os cursos técnicos que são mais rápidos para terminar e garantem uma vaga no mercado quase simultâneo ao seu término, e o mais agravante, há cursos técnicos que são mais interessantes e bem mais remunerados. Então, muitos jovens acabam optando pelo cursos técnicos ao invés de investirem em uma graduação, e isso acarreta muitos jovens procurarem os grandes centros onde há mercado de trabalho mais favorável e recompensador, como as grandes cidades, pois geralmente estes cursos técnicos estão relacionados à modernidade e ao avanço tecnológico e esses indivíduos se identificam com esse tipo de mercado cada vez mais promissor e interessante, mesmo que isso signifique sair de sua terra natal para buscar novos horizontes e novas chances para realização pessoal e profissional.

7. O senhor (a) enquanto profissional que saiu em busca de uma graduação o que o motivou a voltar e seguir a carreira profissional em Bela Vista MS?

Bom, na verdade, para mim, a graduação foi um meio para que exatamente, não fosse necessário sair daqui, embora tenha demorado um pouquinho a "me encaixar", valeu a pena, muitas pessoas que saem em busca de outras ocupações, é por não viram oportunidades ou simplesmente porque realmente queriam buscar "outros ares", ou escolheram alguma profissão que não tenha um mercado promissor onde vive, e são obrigados a sair em busca de oportunidades para que ascendam socialmente. Numa cidade pequena, é notório que não exista vaga sobrando para todos, tem a questão salarial, em que em outros lugares torna-se um atrativo a mais juntamente com melhores condições de vida, mais infraestrutura, recursos nas áreas de educação, saúde, habitação, enfim, são vários os motivos que levam a pessoa a buscar outra cidade. Quanto a mim, como escolhi a área da educação, há um mercado sólido nesse meio, seja por aqueles que começam a trabalhar por necessidade da administração, indicação de alguém (diga-se de passagem que isso acontece muito aqui na cidade!) ou através de concurso público, pois há rotatividade de pessoas, muitas vêm, outras vão por diversos motivos, e atualmente estudo para concursos públicos que sejam menos estressantes, pois a vida de professor é desgastante, estressante e exige uma busca diária por inovação e aprendizado contínuo, quem sabe também não consiga mudar de "ares" para ter uma qualidade de vida mais recompensadora, já que o professor não é um profissional, digamos, tão valorizado em questões salariais como outros profissionais que tenham graduação de cursos mais expressivos, como as da área da saúde, por exemplo.

Professora L.B. da Escola Estadual em Bela Vista – MS

1. Comente de maneira espontânea sobre a cidade de Bela Vista?

Minha Terra Natal, a qual me orgulha muito de ser nascida e criada. Pacata, acolhedora e de pessoas simples; é um lugar que gosto muito de viver.

2. Fale sobre a sua vida aqui em Bela Vista, MS desde a infância até o momento presente dando ênfase a pontos que julgar mais importante?

Minha infância foi difícil, perdi meu pai muito cedo, venho de uma família composta por 5 irmãos e desde de então tivemos que ajudar nossa mãe. Não tenho muitas lembranças da infância, deve ser porque tive responsabilidades desde cedo. Crescemos todos aqui em Bela Vista – MS estudei em escola pública, trabalhei em escritórios e aos 20 anos prestei vestibular para o curso de Letras, o qual tenho muito orgulho e que me proporcionou obter uma vida estável hoje.

3. Discorra sobre sua formação: Onde estudou? Por que cursou Letras? Houve dificuldades para cursar a graduação? Que ano concluiu? Possui pós-graduação?

Estudei do primeiro do ensino fundamental até a conclusão no ensino médio na Escola Estadual Castelo Branco. Quase dois anos depois prestei vestibular na Uniderp e passei em Letras. Confesso que iniciei o curso porque era o que tinha no momento, mas aos poucos o curso foi me conquistando e hoje sou apaixonado pelo que faço. Dificuldades houveram, como era numa escola privada, tinha que pagar tudo, desde a mensalidade aos famosos xerox, mas não podia desistir, pois a vida na cidade pequena é muito difícil e as ofertas de empregos também. Conclui meu curso em 2009 e hoje sou formada em letras tenho complementação em pedagogia e pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

4. Numa perspectiva de satisfação pessoal em que inclui os anseios sociais de realização, que significa ser professor para o senhor (a)?

Ser professora hoje é um grande desafio, digo isto porque os alunos estão cada vez mais indisciplinados e desinteressados

5. Como é constituída a interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade aonde vivem, a importância dos estudos para uma ascensão profissional e como isso acontece em Bela Vista?

Minha relação com os meus alunos é ótima, talvez porque desenvolvi uma estratégia jovem digamos, eles gostam de novidades, aulas dinâmicas e isso causa uma maior proximidade do professor. Isso só colabora para que essa relação seja a melhor possível, e sempre estou lembrando a importância do estudo pra ascensão profissional.

6. Essa interação possibilita lhe compreender e constatar o posicionamento discursivo dos alunos em relação à busca da formação profissional e a permanência na cidade depois de formados?

Ajuda bastante em relação à busca pela formação profissional, já quanto a permanência na cidade vejo há uma relutância, a maioria quer buscar em outra cidade.

7. O senhor (a) enquanto profissional que saiu em busca de uma graduação o que o motivou a voltar e seguir a carreira profissional em Bela Vista MS?

Na verdade nunca sai da cidade, tenho uma história, já relutei em ir embora, sou casada constitui família e não sei por que não consigo imaginar minha vida fora daqui. Acredito que tive um pouco de sorte.

Professora L.C. da Escola Estadual em Bela Vista – MS

1. Comente de maneira espontânea sobre a cidade de Bela Vista?

R: A cidade de Bela Vista é uma cidade pacata, porém calma e aconchegante. Por ser pacata não oferece muitas oportunidades de emprego. Nela as fontes de emprego são: a prefeitura municipal, o exército brasileiro com 10º regimento de cavalaria e as escolas estaduais.

2. Fale sobre a vida aqui em Bela Vista, MS desde a infância até o momento presente dando ênfase a pontos que julgar mais importante?

R: Me sinto feliz em Bela Vista, não tenho estabilidade, não sou concursada, mas desde que me formei trabalho como professora, já conquistei minha casa própria com o fruto do meu trabalho e ajuda do meu esposo. Tive uma infância muito feliz, criada pelos meus avós tive a oportunidade de brincar muito, apesar das dificuldades enfrentadas por eles para nos manter, já que eram oriundos da classe baixa, meu avô, trabalhador braçal, autônomo e bem mais tarde, funcionário público e minha avó, do lar.

3. Discorra sobre sua formação: Onde estudou? Por que cursou Letras? Houve dificuldades para cursar a graduação? Que ano concluiu? Possui pós-graduação?

R: Eu me formei em Letras-Português/Inglês na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Jardim. Inicialmente cursei Letras por não ter opção, mas no decorrer do curso me identifiquei com o curso. Algumas dificuldades que enfrentamos era o deslocamento de Bela Vista para Jardim, tínhamos custo com o transporte e a viagem era cansativa. Conclui o curso em 2009. Atualmente sou pós-graduada em Educação Especial, pela mesma Universidade.

4. Numa perspectiva de satisfação pessoal em que inclui os anseios sociais de realização, que significa ser professor para o senhor (a)?

R: Ser professor significa para mim levar os meus estudantes a serem autônomos e críticos na construção de seu conhecimento.

5. Como é constituída a interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade aonde vivem, a importância dos estudos para uma ascensão profissional e como isso acontece em Bela Vista?

R: Como professora de Língua Portuguesa falo para meus alunos como é importante saber realizar atividades de vida diária que garanta sustento, não é necessário uma formação acadêmica, porém se eles desejarem os apoio. E atualmente, em Bela Vista temos o Polo da EAD (Educação a distância) com as seguintes Universidades: UFMS, UFGD e UEMS, portanto a possibilidade de uma formação superior está bem mais fácil.

6. Essa interação possibilita lhe compreender e constatar o posicionamento discursivo dos alunos em relação à busca da formação profissional e a permanência na cidade depois de formados?

R: Quem deseja uma “carreira de sucesso” não quer permanecer em Bela Vista

7. O senhor (a) enquanto profissional que saiu em busca de uma graduação o que o motivou a voltar e seguir a carreira profissional em Bela Vista MS?

R: Minha família e a tranquilidade desta cidade me motivou a permanecer aqui

Professora L.D. da Escola Estadual em Bela Vista – MS

1. Comente de maneira espontânea sobre a cidade de Bela Vista?

Bela Vista é uma cidade do inteiro de Mato Grosso do Sul. Faz fronteira com a cidade de Bella Vista Norte, cidade esta paraguaia. A população não chega a 30. 000 habitantes. De economia limitada à prestação de serviços e ao agronegócio, muitas pessoas se veem obrigadas a procurarem oportunidades em outras cidades. Em resumo, é uma cidade que apresenta muitos problemas sociais e de infraestrutura, todavia, é uma cidade pacata. Boa para quem tem estabilidade, quem é aposentado, enfim.

2. Fale sobre a sua vida aqui em Bela Vista, MS desde a infância até o momento presente dando ênfase a pontos que julgar mais importante?

Nasci e cresci nesta cidade. Meus pais trabalharam por muito tempo em fazendas, depois de um tempo fixaram residência na cidade. Onde meu pai abriu uma bicicletaria e minha mãe trabalhava como lavadeira. Após uns anos meus pais mudaram-se para o Assentamento Caracol, onde vivemos por cerca de 12 anos. Sempre estudei em escola pública. Sempre incentivado pelos meus pais a continuar estudando, pois esta era a única e melhor forma de eles garantirem um futuro melhor para mim. Hoje atuo como professor na rede estadual de ensino nesta cidade. Sou casado com uma professora e temos juntos uma filha.

3. Discorra sobre sua formação: Onde estudou? Por que cursou Letras? Houve dificuldades para cursar a graduação? Que ano concluiu? Possui pós-graduação?

Estudei sempre escola pública. Vera Guimarães Loureiro e Ester Silva são os nomes das escolas por onde passei boa parte de minha infância e adolescência. Após o ensino médio entrei para a faculdade. Fiz Letras de início por falta de opção e por que não tinha condições de sair fora e estudar. Entretanto, acabei pegando gosto pelo curso. Tanto é que hoje leciono numa escola aqui da cidade. Fiz Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Não tenho pós-graduação. Não fiz porque atualmente estou investindo em novos horizontes. Pretendo mudar de profissão.

4. Numa perspectiva de satisfação pessoal em que inclui os anseios sociais de realização, que significa ser professor para o senhor (a)?

Ser professor é ter uma “Profissão de fé”, parafraseando um poema de Olavo Bilac. Mais do que isso, ser professor, no Brasil, é ser aquele indivíduo que levanta e cai, segue às vezes por caminhos pedregosos, caminhos cheios de burocracia, falta de respeito de alguns jovens, cobrança por índices, metas e mais metas, ser professor é abdicar de seus momentos de lazer, seu, e de sua família. Mas tem alguma coisa que nos faz seguir em frente, e não é somente o dinheiro que nos mantém, mas aqueles alunos bons, educados, aquela aula que rende bons debates e risos...

5. Como é constituída a interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade onde vivem, a importância dos estudos para uma ascensão profissional e como isso acontece em Bela Vista?

Nas minhas aulas sempre friso aos alunos que o estudo é algo libertador, a chave que abre portas para novas oportunidades, a chave que liberta você de um emprego ruim, de uma situação de conformismo. É importante deixar isto bem claro para eles, muito porque nossa cidade não é um exemplo de lugar para se ascender profissionalmente.

6. Essa interação possibilita-lhe compreender e constatar o posicionamento discursivo dos alunos em relação à busca da formação profissional e a permanência na cidade depois de formados?

Nossa juventude carece dessa visão de responsabilidade. Muitos não dão valor às oportunidades que a vida lhes dá hoje. Não se atentam para as dificuldades em se conseguir emprego se não possuir uma boa formação acadêmica. Muitos ouvem orientações, mas na

prática, na hora de estudar, os estímulos das redes sociais, dos jogos de futebol, das rodas de tereré, e mais recentemente as tabacarias da vida parecem ter mais relevância para eles do que o livro didático.

7. O senhor (a) enquanto profissional que saiu em busca de uma graduação o que o motivou a voltar e seguir a carreira profissional em Bela Vista MS?

Formação acadêmica não dá casa e emprego na colação de grau. Por esta razão continuei em Bela Vista. Fiz concurso e por aqui fiquei

. Professora L.E. da Escola Estadual em Bela Vista – MS

1. Comente de maneira espontânea sobre a cidade de Bela Vista?

R: Uma cidade tranquila, pacata e acalhedora.

2. Fale sobre a sua vida aqui em Bela Vista, MS desde a infância até o momento presente dando ênfase a pontos que julgar mais importante?

R.: Nasci e cresci nesta cidade, tive a oportunidade de ir embora, mas por questões pessoais e familiares optei por permanecer aqui.

3. Discorra sobre sua formação: Onde estudou? Por que cursou Letras? Houve dificuldades para cursar a graduação? Que ano concluiu? Possui pós-graduação?

R: Inicialmente meu “sonho de criança” era ser enfermeira. Prestei vestibular e com a minha colocação ganhei uma bolsa de estudos integral na UCDB de enfermagem. Fui morar em CG com minha vó. Mas a realidade do curso era bem diferente dos meus sonhos e fiquei frustrada. Assim, não me adaptei ao curso e a cidade. Decidi retornar e cursar Letras na UEMS em Jardim no ano de 2005. Viajava todos os dias, durante os 4 anos da graduação. Foi cansativo, mas eu gostei muito do curso. Conclui em 2008. Fiz pós graduação em Direito ambiental pela UFMS. E também o curso de Pedagogia pela UFMS na cidade de Bela Vista.

4. Numa perspectiva de satisfação pessoal em que inclui os anseios sociais de realização, que significa ser professor para o senhor (a)?

R: Não foi minha primeira opção, mas me encontrei ao longo do curso. Ser professor é mediar conhecimentos. Gosto muito da minha profissão. Pessoalmente é uma satisfação, uma vez que meus pais não possuem formação acadêmica e formar a filha foi uma vitória de vida.

5. Como é constituída a interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade aonde vivem, a importância dos estudos para uma ascensão profissional e como isso acontece em Bela Vista?

R:

6. Essa interação possibilita lhe compreender e constatar o posicionamento discursivo dos alunos em relação à busca da formação profissional e a permanência na cidade depois de formados?

R: A escola na qual trabalho atende em sua minoria a classe média e a grande maioria da classe baixa. Observo que a maioria dos alunos não possuem essa perspectiva de concluir os estudos. Eles são mais imediatos.

7. O senhor (a) enquanto profissional que saiu em busca de uma graduação o que o motivou a voltar e seguir a carreira profissional em Bela Vista MS?

R:

Professora L.F. da Escola Municipal em Bela Vista – MS

1. Comente de maneira espontânea sobre a cidade de Bela Vista?

Bela Vista é uma cidade pequena de aproximadamente 24 mil habitantes, faz fronteira com o Paraguai rica de contrastes culturais e atende a uma economia voltada no setor de serviços e agropecuária. O município é banhado por vários rios, inclusive pelo Apa, por isso é conhecida como Princesa do Apa.

2. Fale sobre a sua vida aqui em Bela Vista, MS desde a infância até o momento presente dando ênfase a pontos que julgar mais importante?

Todas as pessoas têm um passado, uma história, nossos pais, nossos avós, nossa rua, nossa casa, nossa escola, tudo nos remete a história que conduz nossas vidas. O estudo do passado nos possibilita a compreensão da realidade de hoje. A história é tomada aqui como memória, haja vista que sem memória, não temos identidade. O conhecimento dos fatos e acontecimentos atuais é resultante de muitas situações vividas no passado, a partir das transformações que vivenciamos ao longo do tempo.

Residi toda infância na mesma cidade onde cursei todas as fases do ensino escolar de forma regular em escola pública. Meu crescimento educacional foi através do convívio escolar com os professores, embora meus pais com pouco recurso financeiro sempre foram presentes na vida escolar, nos incentivando a aprender e aproveitar as oportunidades. Meu primeiro contato com a escola eu já era alfabetizada, minha mãe teve esse cuidado, pois eu já apresentava interesse acima do normal, e ela teve toda a preocupação e paciência em me alfabetizar em casa antes de eu ir para o ensino regular. Lembro que tínhamos um pequeno comércio com um balcão gigante, e nos momentos em que não havia cliente minha mãe se debruçava em folhas de cadernos velhos para pontilhar letras e sílabas, e essa era minha melhor brincadeira. Sempre fui apaixonada por livros quando aprendi a juntar as sílabas adorava fazer leitura para minha mãe, lembro do rosto dela alegre e contente por cada

melhora no meu desenvolvimento intelectual e cognitivo. Recordo de uma infância sempre rodeada por cadernos, lápis e livros.

3. Discorra sobre sua formação: Onde estudou? Por que cursou Letras? Houve dificuldades para cursar a graduação? Que ano concluiu? Possui pós-graduação?

A minha primeira formação em um curso superior foi na cidade de Jardim MS na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), optei por cursar letras principalmente porque abrange as áreas científicas da Linguística (incluindo o ensino de línguas), dos Estudos literários, dos Estudos culturais, da História e da Filosofia. Eu sempre tive uma enorme vontade em aprofundar o conhecimento linguístico e sabia que ali era a porta principal de entrada para esse universo ao qual iria desbravar. Como todo curso universitário é preciso ter em mente as dificuldades que deveriam ser enfrentadas, e eu as enfrentei como bravura, afinal não morávamos na cidade do curso, morávamos em uma cidade vizinha, todos os dias tínhamos que nos deslocar de transporte (ônibus) para o campus universitário, essa trajetória perdurou durante todo os quatro anos do curso. Como fui aluna bolsista durante quase todos os anos de universidade, as dificuldades eram ainda maiores, pois precisava de moradia para pernoitar, e para isso eu tive ajuda daquela ao qual chamei de anjo, minha professora, que me acolheu durante esses quatro anos em sua casa, duas vezes por semana, em que eu tinha que cumprir minha carga horária de bolsista junto à universidade. No ano de 2010 concluí meu curso de letras com honra e bravura, contudo no ano seguinte já ingressei ao mercado de trabalho junto a Rede Estadual de educação de Mato Grosso do Sul. Em seguida ingressei ao curso de Pós-Graduação no curso de especialização em Ensino de Língua Portuguesa, e hoje concluí a segunda especialização em Educação Especial e Psicopedagogia.

4. Numa perspectiva de satisfação pessoal em que inclui os anseios sociais de realização, que significa ser professor para o senhor (a)?

Como dizem alguns contemporâneos, professor não é profissão é missão, é alguém chamado para aquilo que a sociedade mais necessita, para dar respostas ao futuro do ser humano, a vocação de compartilhar conhecimento é acreditar fielmente que amanhã poderá ser melhor e será.

5. Como é constituída a interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade aonde vivem a importância dos estudos para uma ascensão profissional e como isso acontece em Bela Vista?

Toda aprendizagem se pauta significativamente em primeiro momento na construção interpessoal na relação professor-aluno, o buscar saber quem é seu aluno? Como ele age diante da disciplina? O que ele objetiva diante da aprendizagem desta disciplina? Qual o papel do aluno enquanto cidadão sujeito inserido nas instituições escolares de ensino?

Buscando deste modo o levantamento, uma sondagem através de uma análise sistemática em que visa conhecer o público alvo para assim articular o processo de mediação para a aplicação do processo metodológico. Acredito que a interação do professor-aluno se dá a partir do momento em que o professor reconhece a importância do valor afetivo frente à realidade sócio-histórica-ideológica da realidade cotidiana do aluno. Em cidades de fronteira acredito essas questões acima citadas ter importância maior, haja vista que esses alunos saem de seus países de origem para receber educação em outro, com características culturais muito diferentes daquelas ao qual eles estão acostumados a vivenciar, o próprio idioma seria um dos primeiros desafios para esses alunos, principalmente em relação à disciplina de língua Portuguesa. Todas essas questões entram como questionamentos quanto à ascensão profissional não somente aos alunos que residem fora do país de origem, mas também os próprios alunos brasileiros que por residirem em uma cidade de interior enfrentam muitos desafios, tal como a falta de oportunidade no mercado de trabalho. Deste modo muitos desses jovens são obrigados a buscarem refúgio fora de sua cidade de origem.

6. Essa interação possibilita lhe compreender e constatar o posicionamento discursivo dos alunos em relação à busca da formação profissional e a permanência na cidade depois de formados?

A interação do professor-aluno é de total importância frente à busca pela formação profissional dos jovens, porque contribui em levar os alunos a compreender as diferentes formas de se buscar conhecimento, e que esse conhecimento deve ser constante, o jovem precisa entender que ele deve estar presente na sociedade com diferentes conhecimentos e capacitações, pautado por um currículo amplo, e isso independe da cidade ser pequena ou não. O que se mede hoje é nível de capacitação, é essa capacitação que nos possibilita e nos permite permanecer na cidade de origem depois de formado. E volto a frisar de que talvez não tenhamos um número tão grande de falta de trabalho, mas falta de pessoas capacitadas para exercer aquilo que a sociedade demanda principalmente como o advento acelerado dos meios tecnológicos.

7. O senhor (a) enquanto profissional que saiu em busca de uma graduação o que o motivou a voltar e seguir a carreira profissional em Bela Vista MS?

Minha maior motivação em retornar a minha cidade natal e seguir minha carreira profissional sempre foi ter em mente que meu trabalho tem o poder de modificar a vida das pessoas para melhor, e isso deveria ser desenvolvida na cidade que me viu nascer e crescer. Compreender o trabalho como propósito é uma excelente maneira de mostrar o quanto o trabalho com a educação transforma as pessoas e o mundo. A educação nos possibilita não apenas "formar" sujeitos para a sociedade, mas transformá-los para vida. É por esse viés que desejo estar contribuindo todos os dias lembrando as pessoas que através da educação podemos modificar a humanidade.

Professor L.G. da Escola Estadual em Bela Vista – MS

1. Comente de maneira espontânea sobre a cidade de Bela Vista?

A cidade de Bela Vista é uma cidade que faz fronteira com Bella Vista Norte (Paraguai), são consideradas cidades irmãs, com uma população que transita na fronteira em busca de melhoria e qualidade de vida, principalmente pelos chamados brasiguaios, que moram num país e trabalham em outro.

Bela Vista é uma cidade hospitaleira, recebendo muito bem seus visitantes e pessoas que a escolheram para ser a terra de moradia e de busca de sucesso na trajetória de vida. Destaca-se em seu desenvolvimento a pecuária, o comércio lojista, órgãos públicos, a agricultura familiar, além de um viés turístico ainda muito pouco explorado.

Posso dizer que durante toda a minha vida aqui nesta cidade, em qual resido desde os idos de 1987, a população em geral é composta por descendentes de gaúchos, oriundos do Rio Grande do Sul no final do século XIX. O fundador da cidade é de nome José Lemes Bugre, além de outros exploradores e aventureiros que vieram para esta região em busca de uma vida melhor.

2. Fale sobre a sua vida aqui em Bela Vista, MS desde a infância até o momento presente dando ênfase a pontos que julgar mais importante?

Em Bela Vista comecei a cursar o Ensino Profissionalizante (Habilitação para o Magistério do 1ª à 4ª Série) na Escola Estadual Castelo Branco, terminando o curso em 1989. Este curso era de três anos, habilitando o aluno a exercer as funções de professor no ensino primário.

Na época optei pelo Magistério pela influência de meu pai que, como já disse era professor estadual e municipal em Caracol e Bela Vista. Inicialmente fiquei um pouco constrangido no Curso, pois era uma nova etapa de ensino (2º Grau, hoje denominado Ensino Médio Profissionalizante) em minha vida.

O constrangimento estava em minha timidez de exposição de trabalhos e dos famosos estágios supervisionados intitulados Banca de Avaliação, ao qual causava temor e nervosismo em todos. Mas, com superação e força de vontade terminei o curso de Magistério, sendo habilitado para a Docência. Então, a partir de 1990 comecei a lecionar, já como professor convocado na rede estadual de ensino, também na rede municipal de Bela Vista. Penso que foi muito rápido esse início, quando fui chamado pela Direção Escolar da Escola Estadual Generoso Ponce para assumir as primeiras aulas como professor.

Minha juventude foi em Bela Vista, numa ligação entre os eventos normais de festas e bailes da época com a carreira de professor.

Então, posso dizer que a minha vida em Bela Vista foi sempre em função da Educação, no exercício da docência e em prol do ensino público.

3. Discorra sobre sua formação: Onde estudou? Por que cursou Letras? Houve dificuldades para cursar a graduação? Que ano concluiu? Possui pós-graduação?

Logo exercendo a docência senti necessidade de me aprofundar nos estudos da Linguagem, da Língua Portuguesa, principalmente na questão de entender as dificuldades da linguagem escrita e oral dos alunos da cidade, muitos bilíngues e trilingues, utilizando além da Língua Portuguesa o Espanhol e a língua guarani. Alunos oriundos do país vizinho, Paraguai, residentes em Bella Vista Norte, que faziam seus estudos no Brasil, e em grande quantidade na antiga Escola Estadual Generoso Ponce, hoje já desativada, funcionando no local um Polo universitário.

Eu precisava entender como se dava a leitura e escrita desses alunos, a influência da língua espanhola e guarani na elaboração dos textos, que eram mal redigidos ou não se enquadravam na boa redação. Então, em 1999 fiz o vestibular para o curso de Letras (UEMS – Unidade de Jardim MS), mas com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pois na época não tinha sido oferecida a habilitação Português/Inglês. Iniciei o curso de Letras na UEMS de Jardim MS no ano de 1999, enfrentando as dificuldades de locomoção de Bela Vista até Jardim. Íamos de transporte universitário, com a ajuda da Prefeitura Municipal de Bela Vista e uma contrapartida em dinheiro dada pela família dos acadêmicos.

A rotina era trabalhar dois períodos em sala de aula, de manhã e à tarde, indo diretamente a um ponto central onde saíam os ônibus universitários, lotados de estudantes para as cidades de Jardim e Ponta Porã MS. Não tínhamos tempo de jantar, quando havia atrasos de horário a partida dos ônibus era às 18 horas (O curso de Letras funcionava e ainda funciona no período noturno). Chegávamos na UEMS e íamos diretamente para a sala de aula, assistir as aulas dos professores, a maioria mestrandos e doutores. Era uma satisfação aprender e apreender com os professores da UEMS. Viajávamos em excursões para levar os projetos desenvolvidos, visitando outras universidades em outros estados. Posso dizer que isso contribuiu muito na minha formação, pois conheci outras realidades, interagi com acadêmicos de outros estados e sempre perguntava sobre qual era a realidade em que o ensino de Letras se dava nessas outras localidades.

O Curso de Letras Português/Inglês foi de extrema importância em minha formação, pois apesar de querer inicialmente a língua espanhola, acabei sendo motivado pelos professores da Universidade no descobrimento e melhor conhecimento em Língua Inglesa. Hoje, vejo a importância da Língua Inglesa, além da língua espanhola, fazendo parte do cotidiano dos alunos em Bela Vista MS. Participei de Projetos que também envolviam estudos da língua espanhola na região de fronteira.

Conclui a graduação em 2003, em seguida fiz a prova dissertativa para o curso de Especialização em Letras (ênfase em Estudos Literários) na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados MS, sendo aprovado entre os 10 primeiros para as vagas. Quando recebi a notícia de minha aprovação, a satisfação e alegria de entrar na Pós-Graduação, no curso de Especialização em Letras, foi um momento inesquecível. Terminei o Curso em 2005, com a defesa de minha monografia intitulada “A temporalidade em Angústia ou a angústia da temporalidade”, sob a orientação da Professora Doutora Rosana Cristina Zanellato Santos, a quem tenho muito apreço e consideração, estendo isso a todos os outros professores que foram muito importantes na minha Graduação e Pós-Graduação.

4. Numa perspectiva de satisfação pessoal em que inclui os anseios sociais de realização, que significa ser professor para o senhor (a)?

Ser professor é ser a mola-mestra que impulsiona o aluno para o conhecimento, sendo assim acredito que o nível de satisfação pessoal está em saber que o estudante teve aproveitamento e se realizou como profissional ou é um cidadão consciente sobre o mundo em que vive.

Devido aos problemas da sociedade atual, enfrentamos todos os tipos de dificuldades que nos é colocado na rotina de nosso trabalho, desde a falta de interesse de determinados alunos até níveis de agressividade, que muitos professores acabam sofrendo. Ainda estamos muito longe de atingirmos níveis satisfatórios de dignidade e realização, pois ainda não ganhamos um salário digno pela responsabilidade da formação de cidadãos, e reconhecimento dos gestores quanto à importância de uma educação que não apenas leve à mudança de consciência da sociedade, mas que atinja a felicidade.

5. Como é constituída a interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade aonde vivem a importância dos estudos para uma ascensão profissional e como isso acontece em Bela Vista?

Podemos analisar em dois aspectos: na primeira se observa certa despreocupação da maioria dos alunos e da sociedade em relação à importância dos estudos para uma ascensão profissional. Esta falta de consciência está enraizada na cultura de fronteira, na cultura da sociedade capitalista, que por muitas vezes mostra e anuncia o “ter” sobrepondo-se ao “ser”, não importando os meios para se chegar a um fim. Essa ambição e pensamento de “aprender a ganhar dinheiro” não passa pelo pensamento da educação ser o meio da realização profissional e pessoal, principalmente pela insuficiência de políticas públicas, que acaba gerando na sociedade a falta de perspectiva.

Em segundo aspecto se observa a preocupação de uma minoria, geralmente composta por pais que reconhecem a educação como fator importante para o futuro dos filhos e de realização como cidadão. Esses alunos acabam desenvolvendo a educação básica no município, mas migram para os centros maiores com a perspectiva de melhoria.

Meu papel quanto professor é de alertar e conscientizar sobre a importância de entender por meio da educação como se dá essa interação entre o sujeito e o objeto, ou seja, o ser humano e a realidade.

6. Essa interação possibilita-lhe compreender e constatar o posicionamento discursivo dos alunos em relação à busca da formação profissional e a permanência na cidade depois de formados?

Na interação do professor de Língua Portuguesa com os alunos sobre a cidade aonde vivem se observa os anseios da busca da formação profissional, sendo entendido que

nem sempre esses anseios se transformam em realidade, pois muitos buscam cursos que não são oferecidos na cidade. Mas, também se observa uma descrença num discurso do “para quê adianta estudar?” se não conseguiremos um trabalho digno ou espaço no mercado de trabalho, cada vez mais exigente e sujeito às influências das indicações políticas ou de terceiros. Essa interação se dá na forma de transmitir ao aluno, residente em Bela Vista, a preocupação quanto ao futuro deles próprio e de suas famílias, e de que possivelmente permaneçam em sua cidade, desenvolvendo seu trabalho em determinada área.

7. O senhor (a) enquanto profissional que saiu em busca de uma graduação o que o motivou a voltar e seguir a carreira profissional em Bela Vista MS?

O motivo de permanecer em Bela Vista é o sentimento de que ainda há esperança para a sociedade, na mudança de pensar um mundo melhor para nossos filhos e pessoas que aqui residem. A motivação está na satisfação de reconhecer que muitos alunos passaram pelas nossas salas de aula. Hoje, já formados, possuem a preocupação de analisar como se dá essa perseverança do professor bela-vistense na busca de melhoria da educação fronteiriça.